

Revolução

**DE NORTE A SUL
MANIFESTAÇÕES
PELA LIBERTAÇÃO DE OTELO**



**CONGRESSO DO PS
E A DEMISSÃO
DE LOPES CARDOSO**

**BRIGADA DA NATO
— SUBMISSÃO
AO IMPERIALISMO**

**U.R.S.S.
7 DE NOVEMBRO
DE 1917**

PARTIDO REVOLUCIONÁRIO DO PROLETARIADO

dos leitores

Porta-Voz do PARTIDO
REVOLUCIONÁRIO DO PROLETARIADO



Revolução

DEBATE UPEL

Realiza-se na próxima segunda-feira, dia 8 de Novembro pelas 21 e 30 um debate aberto, acerca do M.U.P. — Movimento de Unidade Popular. Tendo em conta os últimos acontecimentos no seio do movimento, consideramos importante e necessária a participação de todos os camaradas.

AOS TRABALHADORES DESTE PAÍS

Chegou a hora da opção — ou Revolução Socialista ou fascismo. Não é preciso, camaradas, fazer um resumo do que foi o «25 de Abril» e o «25 de Novembro» porque os camaradas sabem-no bem. As lutas justas dos trabalhadores vão-se perdendo, e os capitalistas vêm de novo de cima, o «general do Povo» está em Caxias.

Camaradas não podemos admitir que Otelo esteja em Caxias, e que Spínola esteja em liberdade, temos que nos opor a isso, mas conscientemente e caminhar progressivamente para a realização do programa da candidatura de Otelo, e desmascaramos a in-

filtração da pequena burguesia no seio da nossa classe que é a operária. Não podemos que pseudo-revolucionários estudantes e parasitas estejam a boicotar a nossa luta. Porque ou nós queremos a nossa libertação (a Revolução Socialista) ou queremos o nosso massacre.

Hoje fui à concentração de Caxias, o que me chocou imenso foi ver e ouvir populares e trabalhadores a quererem ir para Caxias, e os tais pseudo-revolucionários, a tentar a desmobilização já não falando durante a semana que desmobilizaram centenas de pessoas enfim o que esses pseudo-revo-

lucionários querem não é a Revolução, temos nós os trabalhadores que desmascará-los. Esses pseudo-revolucionários até diziam que os trabalhadores que queriam ir para o feorte, eram provocadores.

Provocadores são eles, que não querem a Revolução mas sim a democracia burguesa, portanto rua com os pseudo-revolucionários, em frente com a Revolução Socialista.

**VIVA O CAMARADA
OTELO**

**PELA REVOLUÇÃO
SOCIALISTA**

J. C.

Lê
assina
divulga
Revolução

PARTIDO REVOLUCIONÁRIO DO PROLETARIADO SEDES

SEDE CENTRAL — Rua Castilho n.º 70, Lisboa
Tel. 573520/573640/573717/573670

JORNAL «REVOLUÇÃO» — Rua Castilho n.º 70, Lisboa

Tel. 573520/573640/573717/573670

DELEGAÇÃO DO NORTE

Rua Álvares Cabral, 110, PORTO

LIVRARIAS REVOLUÇÃO

CABO RUIVO

Rua do Vale Formoso de Lima, 127-A. Horário — das 12 às 14 h e das 16.30 às 24 horas.

ODIVELAS

Rua D. Nuno Álvares Pereira, 3-D. Horário — das 12 às 20 horas

ORG. REGIONAL DO NORTE

PORTO — Rua Álvares Cabral, 110
Tel. 315759/315786

VIANA DO CASTELO — Rua de
Altamira, 102 Tel. 24320

MATOSINHOS — Rua Conde de
S. Salvador, 374
Tel. 931925

BARCELOS — Av. Liberdade 60r/c
Tel. 93099

ORG. REGIONAL DO CENTRO

COIMBRA — Rua Ferreira Borges,
Tel. 22961

CASTELO BRANCO — Rua de
Santa Maria, 10 Tel. 179

MARINHA GRANDE — Rua Mar-
quês de Pombal, n.º 65

S. JOÃO DA MADEIRA — Rua
Jaime Afreixo n.º 142
Tel. 24149

ARGEIA — Tel. 92169

ORG. REGIONAL DE LISBOA
LISBOA — Av. da República, 40
ALGÉS — Rua Vitor Duarte
Pedroso, n.º 15 - Algés de Cima
Tel. 2100337

SACAVÉM — Largo 5 de Outubro
N.º 16-17 Tel. 2512807

PAREDE — Rua Gomes Freire de
ANDRADE, 1 Tel. 2474142

AMADORA — Rua Gonçalves
Ramos, n.º 40 Tel. 939525

CACÉM — Rua de Paço
de Arcos, lote 16

ORG. REGIONAL DA MARGEM SUL

SETÚBAL — Praça do Bogaço, 3
Tel: 28949

COVA DA PIEDADE — Estrada
Nacional, n.º 10 Tel. 2763267
2763397/2763122

BARREIRO — Rua dr. Eusebio
Leão, 31 Tel. 2076745

QUINTA DA LOMBA — Rua de
Goa, 21-A
SINES — Rua Marquês de
Pombal, n.º 86 Tel. 62980

LAVRADIO — Rua dr. José Car-
cano Lobo, n.º 312

TORRÃO — Horta Seca

ORG. REGIONAL DOS ALENTEJOS

EVORA — Largo do Chão
das Covas, n.º 21 Tel. 24998

BEJA — Rua Alexandre Herculani-
no, n.º 29 Tel. 24594

ALJUSTREL — Rua da Liber-
dade, n.º 13, Aljustrel

ORG. REGIONAL DO ALGARVE

FARO — Rua Reitor Teixeira
Guedes, n.º 35 - Tel. 24107

OLHÃO — Rua 18 de junho,
n.º 64 - B - C

LOULÉ — Av. José de Costa Mee-
lha, n.º 39 - 1.º Tel. 63043

FERRAGUDO — Rua 1.º de Maio
n.º 10 Tel. 63043

PORTIMÃO — Rua 5 de Outu-
bro, 17

MONCHIQUE — Estrada da Foia,
9, Monchique

UNIVERSIDADE PROLETÁRIA

LISBOA — Av. 5 de Outubro Tel. 770017

Revolução

Assinatura

Queiram considerar-me assinante na modalidade abaixo assinalada:

NOME
MORADA
LOCALIDADE
PROFISSÃO

PAÍS

Semestral	110\$00
Anual	220\$00

ESTRANGEIRO

Semestral	400\$00
Anual	800\$00

PAGAMENTO

Em cheque

Em vale

A DEMISSÃO DE LOPES CARDOSO



A demissão de Lopes Cardoso é um presente que o Governo oferece à CAP e a toda a direita, no

sentido de se equilibrar para o seu lado direito e portanto satisfazer as necessidades dum nova etapa de

QUEM É QUE PROVOCA?

Jorge Almeida Fernandes expõe nas páginas da «Gazeta» a sua interpretação dos factos ocorridos durante a manifestação de Caxias. Aí critica de leve o caminho que tomaram as coisas durante a manifestação percebendo-se qual é a sua opinião. Acha mesmo que a direcção da manifestação não devia inclinar para o Forte, mas procura argumentos para contemporizar e consolar os manifestantes desiludidos com o decorrer da manifestação.

Estranha posição para quem tem assento na Comissão Nacional Provisória de Unidade Popular e tem que ter uma atitude firme. Almeida Fernandes tem que decidir se está com os que queriam seguir pela estrada ou se está com os que queriam subir o morro até ao Forte! A queia da encosta é que não se pode ficar. Este processo revolucionário está farto de meia-ocasiões!

E devemos esclarecer que as coisas não se passaram como dizia J.A.F.: não se deu a «entender que todos os que queriam ir para junto da prisão seriam provocados». O que a direcção da manifestação disse foi que «todos os que fossem para junto da prisão seriam provocados». J.A.F. estava lá e ouviu, tão bem como nós! E tal como J.A.F. e nós próprios, ouvimos também os trabalhadores que se sentiam visados, o que deu aso a largos protestos.

Mas J.A.F. diz isto para arranjar pretexto para acusar o PRP de querer «explorar o descontentamento» e acusar a «UDP de ter controlado o serviço de ordem». Ora J.A.F. sabe, tão bem como nós, que a UDP apesar de não estar de acordo com a manifestação, retirou (com a ajuda das suas pontas de lança noutra organização) as braçadeiras quase todas de serviço de ordem... Ora, isto entre revolucionários, o melhor é falar clarinho!

E também sabe que, no local e perante as circunstâncias, a delegação do PRP defendeu a posição de alteração do percurso até ao Forte. Ou não sabe?

Mas diz mais adiante e isso é mais grave que «resta adivinhar as razões que terão levado alguns militantes do PRP a tentar desviar o percurso da manifestação para junto da prisão». E isto é mais grave, dentro da medida

em que J.A.F., desta forma jesuítica e insinuante, passa a fazer coro com os rapazes da UDP que disseram aos quatro ventos, no Barreiro, na Parede, em Sacavém, etc., que o PRP ia armado para a manifestação, que tinha constituído grupos armados e... cúmulo dos cúmulos, que ia fazer sobre o local uma acção de libertação de Otele. Será que J.A.F. acredita mesmo nisso? Será que acha que o PRP ia mesmo avançar? Enfim, o Otele tem vinte dias de prisão ou tem vinte anos de prisão à sua frente?... E já agora escolhia-se aquele dia, porque com os três pelotões da GNR que lá estavam dava mesmo jeito!... Será que J.A.F. acredita nisso? Ou vê fantasmas? Ou sonha de noite com Austerlitz e Waterloo, substituindo as suas imagens de soldadinhos de chumbo por militantes do PRP?

Realmente o PRP quer a unidade, mas uma unidade firme e não uma unidade mole. O PRP põe realmente em causa a unidade com a UDP, enquanto o seu comportamento fôr este.

É lamentável que a «Gazeta», um semanário de esquerda, ofereça estes aspectos, em que a verdade parecendo estar à vista, está afinal camuflada, sob a forma de sofisma. O que nos vale é o outro lado da «Gazeta», que se pode ir encontrar nos artigos de N.P.S. «Contrações da Burguesia». Esse é o lado combativo.

E quanto ao lado mole, é qualquer coisa de que se pode tratar num artigo que se intitule «Contrações da Pequena-Burguesia». Esta, nunca estará na vanguarda, mas lá irá, lá irá... É preciso é que outros vão à frente.

E entretanto, para que vá mais depressa, aconselhamos J.A.F. a fazer psicanálise, pode ser que lhe desapareçam os fantasmas e que deixem de lhe aparecer guerrilheirozinhos em sonhos...

evolução para a direita. A saída simultânea dos secretários de Estado da Estruturação Agrária, do Fomento Agrário e do Comércio e das Indústrias Alimentares, assim como a ameaça de demissão de novos Ministérios prefazem as condições para a «limpeza» de que Soares precisava para manter o Governo no Poder.

Será que Mário Soares não sabia que procedendo como procedeu na feitura do relatório, isto é, elogiando a política do MEIC e passando por

cima da política do Ministério da Agricultura provocava em Lopes Cardoso exactamente esta reacção? Soares sabia, e esse foi exactamente a fórmula encontrada, para resolver este árduo problema.

Lopes Cardoso que foi extremamente hábil na sua conduta, não oferecendo pontos fracos para ser atacado que irá fazer agora? Vai ser apenas mais um deputado do PS no Parlamento, ou seguirá um caminho mais definitivamente de esquerda?

O CONGRESSO DO PS

Não trazendo de imediato alteração substancial à evolução política por nós prevista para a situação portuguesa, o Congresso do P.S. veio, contudo, a saldar-se por uma fractura a nível das cúpulas e consequentemente, tomar cada vez mais inviável o governo P.S.

Mas no Congresso não foram discutidas as questões políticas de fundo e a fractura de cúpula não trará grande clarificação da situação para a maioria dos militantes trabalhadores do P.S. Será a luta de classes, será a prática concreta dos militantes do P.S. e a prática do governo que se diz socialista que clarificarão as coisas. Uns compreenderão que estavam enganados e que o seu partido é o C.D.S. ou o P.P.D. e outros compreenderão como o P.S. não é nenhum instrumento para o socialismo, e que é preciso e urgente resolver a crise a favor dos trabalhadores, constituindo uma alternativa revolucionária.

Contudo, vamos considerar apenas alguns dos factos mais significativos deste Congresso:

a) No relatório do secretário Geral diz-se a determinado momento que «dada a nossa situação geoestratégica e a relação de forças no interior da nossa sociedade, o socialismo não é para já e não podemos ir mais além, na fase histórica que atravessamos do que instituir uma democracia avançada». E Mário Soares adianta mais que isto «porém, com uma condição essencial: que essa democracia avançada seja viável economicamente, isto é, que não deixe destruir aqueles mecanismos económicos de mercado fundamentais ao desenvolvimento de qualquer país que queira conservar a democracia política». Isto revela algumas coisas que para nós já não eram novidade, em relação àquilo que pretende o sr. Mário Soares. «Dado à situação geo-estratégica», temos de fazer parte da NATO, do Conselho da Europa, do Mercado Comum, enfim, temos de estar submetidos ao Imperialismo. «O socialismo não é para já»; ora isso já prevíamos, pois os parceiros do senhor Mário Soares na Suécia (O Olof Palme estava cá no Congresso) há dezenas de anos que detinham o poder naquele país e os trabalhadores Suecos ainda hoje não sabem onde fica o Socialismo. E o sr. Mário Soares introduziu um «novo» conceito (já habitualmente utilizado por vários reformistas europeus) para caracterizar a fase actual: «democracia avançada». E assim se vão clarificando as coisas Trata-se de uma «democracia avançada», «... que não deixa destruir aqueles mecanismos económicos de mercado»... isto é, que mantenha as relações de produção e distribuição capitalistas.

b) Para o campo sindical, tanto o relatório de Mário Soares como a intervenção de Marcelo Curto são claros no sentido de apontar para a integração dos seus militantes sindicais no

grupo da «Carta Aberta» criar condições para o aparecimento de outra central sindical.

c) O facto de na lista oficial, ao contrário do que acontecia no anterior secretariado, não aparecerem os nomes de Lopes Cardoso e Aires Henriques (este ligado à Comissão de Trabalho do P.S.) é bastante significativo de qual clarificação política que alguns sectores dentro e fora do P.S. pretendiam. As intensas negociações para que aparecesse a lista B (pretendendo dar 16 lugares em troca) fracassaram. Na votação para a Comissão Nacional a lista A (com Mário Soares à cabeça) obteve 610 votos e a lista B (ligada a José Luís Mendes, José Luís Gaspar, Aires Henriques, Carmelinda Pereira, Mota Prego, etc) obteve 210 votos (o que lhe deu 37 lugares na Comissão Nacional). Mas Mário Soares não deixou ilusões ao declarar que a linha política do partido é definida pela «maioria» e pelo seu Secretário-geral, que a «minorias» tem de se submeter à «maioria». E assim vamos a caminho de uma «democracia avançada»!

d) Os elementos de esquerda no Congresso criticaram particularmente as políticas as políticas de ensino do dr. Cardia, de despedimentos do dr. Marcelo Curto e apoiaram a política de Reforma Agrária de Lopes Cardoso. Mas a «maioria» pronunciou-se contra o abrir caminho para o socialismo» e pela «recuperação capitalista»!

e) Como consequência deste Congresso podemos dizer que se criaram novas condições para uma remodelação governamental, mais conforme os interesses da Burguesia, e para uma política governamental mais claramente anti-operária e anti-popular. Nesta fase, o governo P.S. remodelado ainda terá um papel (conciliatório e de tração) a desempenhar mas não por muito tempo. Outros de preparam para o substituir.

2. Nos últimos tempos e nos meses que se aproximam a política de conciliação-traição do P.S. levou e levará cada vez mais muitos trabalhadores honestos a abandonar este partido. É tarefa urgente dos revolucionários apresentar uma alternativa (e o MUP é neste momento a única viável) que possa enquadrar estes homens assim como outros vindos dos mais diversos quadrantes, condição indispensável para que em comum sejamos capazes de resolver a crise actual de forma positiva, fazendo sim a verdadeira Revolução Socialista, com a tomada e exercício do poder pelos trabalhadores.

dos trabalhadores

PSP Um estímulo fascista

com repressão aos trabalhadores da Panificação

Como é do conhecimento geral a greve dos operários da Indústria da Panificação, não podemos deixar de realçar a activa vigilância e colaboração da PSP em defesa do patronato reaccionário permitindo que este de qualquer forma e como melhor lhe convém especule com os consumidores, ora através de misturas de farinhas de qualidade inferior o que lhes permite lucros fabulosos, ou no roubo do peso do pão e ainda na venda do produto que o faziam de livre preço.

Mas não é aqui que reside o principal objectivo deste texto, mas sim o de referir que quando três operários se deslocaram ao posto desta «força da ordem» perguntando se eles podiam ou não intervir na fábrica, fiscalizando se a fábrica correspondia aos requisitos legais, isto é não poder nenhum substituto dos grevistas a não ser patrões, sócios ou familiares fazer pão, pois tal não estava a acontecer na referida padaria, toda a gente lá fazia pão como bem queria e entendia inclusive pessoas de invulgar aspecto doentio, a resposta dos «agentes da ordem» foi unânime em dizer não a estes trabalhadores, sendo necessário a estes enfiar-lhes pelos olhos dentro o que a lei permitia e o que não permitia, ameaçando-os de lançar comunicados à população contando o facto, ao que estes por fim acederam de má vontade.

Ainda pelo caminho na volta do posto policial, por volta da 1 hora da madrugada, no dia 18, encontraram um posto de venda de pão, onde estava um políciao ao que parece a «tomar conta», foi-lhe chamada a atenção para o facto, mas este não podia como é evidente, deixar de se virar contra estes trabalhadores ameaçando-os severamente, claro que ele estava a cumprir a sua nobre missão de manter a ordem e a lei (mas só a dos patrões). Mas quando um trabalhador depois de isto se virou para um políciao e

lhe chamou camarada, o políciao quase o queria comer vivo ameaçando-o de prisão e de outras represálias.

E estaremos ou não a caminhar a passos largos para o FASCISMO?

Claro que as «forças da ordem» o estão a consolidar, permitindo especulações de toda a espécie, defendendo o patronato reaccionário e atacando os trabalhadores que só lutam por aquilo que lhes é devido!

Que respondam as «autoridades policiais» e que digam quem lhes deu tais instruções e para que fim! De certeza que não era para ajudar a luta dos trabalhadores.

Será que as instruções de alguns fascistas substituiu a lei que governa um povo de nove milhões!

Reparem que aquele trabalhador ainda foi humano em lhe chamar camarada, pois considerou-o trabalhador como ele, e foi logo ameaçado de prisão e de severas represálias, tendo-lhe valido os seus camaradas que iam com ele.

Isto nem tem resposta.

Povo trabalhador, levanta-te com voz de protesto contra as ordens das autoridades fascistas.

Desta forma, com ou sem Democracia só dá a entender que o «Portugal Socialista» de que se fala sente saudades do passado.

Um trabalhador da panificação ex-militante activista do PS



As «forças da ordem» ao defender o patronato reaccionário, estão a cumprir as intenções que recebem. «... estaremos ou não a caminhar a passos largos para o FASCISMO»

COMISSÕES DE MORADORES REPUDIAM EXTINÇÃO DA SAAL

Após a manifestação do dia 23 apoiada por 35 comissões de moradores e associações de moradores e no seguimento da mobilização popular para responder a mais um despacho antioperário, os representantes de 43 daqueles órgãos de base reuniram-se em plenário no dia 29, no sentido de criarem novas formas de luta a opor à resolução do Governo de extinguir o processo SAAL.

Deste plenário saíram algumas tomadas de posição concretas das quais destacamos as mais importantes:

1 — Enviar delegados dos moradores a Lisboa e a outras zonas de habitação degradadas onde se faça sentir a intervenção das comissões de moradores para aí se encontrarem formas de luta a encetar colectivamente;

2 — Dar conhecimento por intermédio de convocação ao ministro da Habitação e Urbanismo a necessidade de um debate aberto com as comissões e associações de Moradores para apreciação no concreto dos problemas que afectam os Moradores pobres, e efectivar mesmo um frente a frente televisivo com o ministro e membros das Comissões de Moradores.

3 — Promover um trabalho de agitação informativa quer através de comunicados aos moradores, quer através de jornais de parede nas zonas degradadas onde haja trabalho desen-

volvido pelas comissões de Moradores.

4 — Enviar telegramas de indignação e repúdio ao Presidente da República, do Conselho e ao Governo.

Entretanto no dia 2 os trabalhadores do SAAL Norte, conjuntamente com membros das comissões de Moradores deram uma conferência de Imprensa, para assim tornarem públicas a denúncia que deve acompanhar mais este atentado contra uma conquista alcançada na luta pelo direito à habitação na qual estão empenhados milhares e milhares de trabalhadores explorados e que agora são directamente atingidos por esta medida governamental.

Apesar disto, os trabalhadores do SAAL-Norte conjuntamente com as brigadas técnicas deliberaram continuar com o ritmo de trabalho que até aqui tinham para não serem paralisados muitos dos projectos e construções em curso que afectariam grandemente muitas comissões de Moradores.



o Governo constitucional tudo tem feito, para que os trabalhadores continuem a viver em barracas, para que os trabalhadores não tenham direito a uma habitação digna.

MATOSINHOS

Um operário,
a construção civil e
os seus problemas

É na construção civil que mais se sente o flagelo do desemprego, e que até agora não viu qualquer solução por parte do Governo

O nosso jornal teve um breve diálogo com um operário da construção civil que trabalha nas «construções Técnicas», em Matosinhos. Conscientes dos graves problemas de desemprego, condições de trabalho e exploração salarial de que são vítimas neste sector de actividade, que as palavras que este camarada nos deixou nos sirvam para a reflexão da luta de todos os explorados da construção civil e da classe operária em geral.

REV. — Camarada, há quanto tempo trabalhas na construção civil?

O.P. — Há quinze meses aproximadamente.

REV. — Qual foi o ordenado que começaste a sofrer de início? Se já tiveste aumento diz-nos de quanto e em que época?

O.P. — Ainda não tive aumento e ganho 6000\$00.

REV. — Com que dificuldades te parece que se depara a construção civil?

O.P. — Além de outras, a que se realça mais, numa opinião bastante pessoal, é a falta de trabalho, creio que o próprio Governo não parece estar interessado em resolver este problema o que virá a agravar a crise de desemprego.

REV. — Na tua empresa «Construções Técnicas» já houve alguma luta?

O.P. — Sim, mas não reivindicativa, apenas uma greve de solidariedade com outras empresas que se encontravam em greve reivindicativa, já que apenas recebiam 3000\$00. Portanto a nossa luta foi política.

REV. — Qual foi a aderência da parte dos operários da tua empresa nessa luta ou greve política e de solidariedade ao mesmo tempo?

O.P. — A aderência foi de 90 por cento durante a votação efectuada num plenário extraordinário, mas quando entrámos em greve foi total.

REV. — Que te parecem os decre-

tos emanados pelo governo PS e o último discurso de Mário Soares?

O.P. — Antes de te responder digo-te que para a Constituinte e para a Assembleia da República votei PS depois disso vi que o PS não era o partido da classe operária como afirmavam os seus dirigentes mas sim contra a classe operária, motivo porque o abandonei e votei Otelo nas Presidenciais. Quanto à tua pergunta, Mário Soares e a sua comitiva governamental estão a caluniar os trabalhadores deste País que considero ameaçado. Pergunto ao dr. Mário Soares porque é que não deixa os trabalhadores resolverem os seus problemas pois só a eles lhes dizem respeito? Porque nos acusa de malandros e sabotadores da economia nacional se ele e o Manuel Alegre gastam o nosso dinheiro para verem o Sporting-Benfica?

REV. — Pensas que a situação no que diz respeito à construção civil será agravada a curto prazo?

O.P. — Penso que sim, como por exemplo, na minha empresa já se diz que no fim do ano haverá despedimentos por falta de verba.

REV. — Qual ou quais as alternativas que vês para ser ultrapassada esta crise no nosso país?

O.P. — É indispensável a unidade de todos os trabalhadores para podermos fazer a verdadeira revolução. Esta é a única alternativa que vejo para nós trabalhadores.

CONTRA
o aumento
dos transportes
colectivos

Os transportes colectivos aumentaram em Janeiro deste ano. Hoje voltam a aumentar! Porquê?

A carne, o peixe, as batatas aumentam! Porquê?

Os senhorios preparam-se para aumentar as rendas de casa! Porquê?

Após o 25 de Abril, e perante o avanço dos trabalhadores, a burguesia foi obrigada a aumentar os salários, vendo assim reduzidos os seus grandes lucros.

Hoje a burguesia tenta inverter a situação, para voltar a ter os seus chorudos lucros. E esta é a política do actual Governo: voltar a encher os bolsos dos patrões, com o pretexto de que há que encorajar a «iniciativa privada». É por isso que os preços aumentam e os contratos colectivos estão na gaveta. É este o «socialismo de riqueza» do Governo: «socialismo de riqueza» para os ricos, e «socialismo de miséria» para os trabalhadores,

que dia a dia sentem que os salários lhes fogem e que o pouco que alguns recebem nem sequer lhes dá para comer.

Com o aumento dos transportes, novamente serão os trabalhadores os afectados, pois são eles que utilizam os transportes públicos. Os senhores do Governo e os patrões, esses andam de Mercedes e «bocas de sapo».

Para responder a isto não bastam os protestos individuais, impondo-se uma resposta colectiva e organizada. Que em plenários de fábrica e de bairro se discutam as formas de luta contra o aumento do custo de Vida, contra a fome que se aproxima, contra o fascismo que se implanta.

VAGOS

Quem ganha com o aumento
de preços dos adubos

A Cooperativa Agrícola e Leiteira de Vagos, na Beira Litoral, distribuiu recentemente um comunicado a todos os pequenos camponeses. Nele se analisa o aumento de preço dos adubos decretado pela «pandilha» do Soares. Fazendo ver a todos os trabalhadores do campo o que representa tal facto, e a quem serve tal medida capitalista.

Por um lado os parasitas intermediários armazenam todos os adubos de preço antigo, para agora melhor explorarem os camponeses, vendendo-os ao novo preço, como determina a política de recuperação capitalista do actual Poder. Porque não se tomam medidas fiscalizadoras sobre as especulações dos intermediários? Porque se aumentaram os preços dos adubos? A quem serve este aumento, sr. Soares e parceiros?

Decerto que não é aos pequenos camponeses do Norte e Centro, pois

estes bem procuram os adubos para o cultivo das terras. Encontrá-los é como «uma agulha no palheiro» e a um «preço como o ouro»!!!

Todas estas questões são levantadas pela direcção da mesma cooperativa. Fazemos nossas também essas interrogações. Porque sabemos que são as mesmas, que todos os camponeses deste País põem à política reaccionária do dito «socialista» Soares, amigo doce do capitalismo nacional e internacional.

CRAMO
de Santo Contestável
assaltada

Dia 25 às 10 horas da manhã foi assaltada a CRAMO (Comissão Revolucionária Autónoma de Moradores e Ocupantes) de Santo Contestável. Um grupo de indivíduos retornados pagos pelo senhorio, arrombou a porta, destruiu jornais, diversos papéis e comunicados e preparou-se para lá ficar, pois já traziam consigo colchões para pernoitar. Conseguiu-se que acabassem por sair, mas uma coisa é certa: mais um senhorio a querer desocupar,

mais um ataque à organização autónoma de moradores.

Neste momento a Comissão está a fazer todos os esforços para criar uma creche para as crianças do bairro em que colaborarão essencialmente mães desempregadas ou com tempo livre; há já um ano que também lá são dadas aulas de alfabetização e preparação para exame da 4.ª classe. É o Poder Popular em marcha e a burguesia a tentar destruí-lo de vez.

Onde se vai até à China passando pela concentração de Caxias e se aproveita para falar de Staline, de Mao e dos "M-L"

O sentido das organizações que se reivindicam do maoísmo acaba sempre por ser qualquer coisa a que o M.R.P.P. pode servir de caricatura. Isto é, o M.R.P.P. é apenas o exagero daquilo que está presente nas outras organizações.

Estas organizações intitulam-se, e bem, stalinistas, atribuindo a Staline a condução do marxismo-leninismo na sua pureza inicial. E depois de Staline foi Mao quem pegou no bastião... E depois de Mao foram eles, os «marxistas-leninistas». E por isso se chamam «M-L», com as suas várias derivações.

Mas voltemos a Staline, a Mao, ao marxismo-leninismo e à «pureza inicial». E acabemos na manifestação de domingo.

Os «M-L» portugueses como os «M-L» de todo o Mundo reivindicam-se de Staline e são, realmente, stalinistas. São-no, no sentido de que se caracterizam por um grande sectarismo (o qual lhes dá um carácter falsamente radical) simultaneamente com uma política marcada por um permanente desvio à direita. Foi assim que Staline foi de um terrível dogmatismo interno, enquanto se sentava à mesa para conferenciar com Hitler.

É assim que a U.D.P. consegue liquidar muitos G.D.U.P.'s devido ao seu sectarismo, ao mesmo tempo que rejeita a Revolução socialista, acredita na estabilização em democracia burguesa, renega tudo quanto diz respeito à concretização da tomada violenta do poder pelos trabalhadores e, por fim, concilia mesmo com o Governo e o P.S. E a caricatura disto é o M.R.P.P.: ultra-sectário internamente, nazi no modo de actuar e parceiro da extrema direita portuguesa, veículo da política imperialista.

Isto é, as grandes imagens das organizações maoístas, que se podem contemplar nos muros das cidades ou nos jornais das organizações, nas quais operários espaduados e de bone, avançam façanhadamente a par de ceifeiras enraivecidas, nada têm a ver com os dirigentes maoístas, bem comportados e engravatados sentados à mesa da conciliação.

Mas também os nossos operários da Setenave os da Lisnave não se parecem com os bonecos assutadores dos jornais da U.D.P./P.C.P.(R). São mais alegres, mais descontraindo, têm o cabelo mais comprido... Mas romperam a manifestação bem comportada de domingo e foram até ao Forte, as camponesas de Alcoentre, cooperativistas decididas, não são como as dos desenhos maoístas. Usam saia curta, são modernas, mas foram até ao Forte...

A imagem «maoista» é uma falsa imagem radical. A espada da U.D.P. não é uma espada de aço é uma espada de lata.

Virá a propósito falar do «maoísmo» e do que ele significa. E é necessário recordar que os «maoístas» não foram beber às fontes genuínas e não

vieram impolutos, quais Guru Maradjá, conhecedores da verdade eterna, a qual é revelada aos iniciados. A «verdade eterna» vinda de uma China longínqua e desconhecida passeou-se pelas salas das faculdades, refinou nos textos polycopiados, fez o Maio de 68 em França e teve mesmo vida intensa nos liceus. Este é o «maoísmo» que não chega e que em Portugal revestiu os mais diversos nomes. Confinou-se sempre com uma filiação ideológica ao Estado chinês ou ao albanês, que é uma variante do primeiro. Admiradores incondicionais da China, os «pró-chineses» fizeram desse país (ou da Albânia) uma religião com os seus deuses e santos.

Como todas as teorias que se reclamam de um personagem histórico, os «maoístas» engolem o Mao inteiro desde os tempos heroicos da grande marcha, desde as suas importantes descobertas acerca da concretização do marxismo num país muito pobre e atrasado, até às patocações que, meio gá-gá, foi fazendo nos últimos anos da sua vida. (O mesmo se passa entre Trotsky e os trotskistas). E engolem a política do Estado chinês inteira desde os tempos em que tinham uma posição consequente anti-imperialista até à sua vil traição de comer à mesa com Pinochet, Nixon e F.N.L.A. com tudo o que há de mais reaccionário no Mundo.

Mas hoje os «pró-chineses» estão pelo menos aflitos. A mudança da política chinesa, o afastamento dos personagens que no passado eram louvados e a ascensão de uma corrente que se adivinha conciliadora com a União Soviética, deixam aflitos os maoístas de todo o Mundo. Afinal quem é o herdeiro de Mao na China? Quem é o portador da palavra sagrada?

Não é a perseguição movida aos quatro de «Xangai» que perturba os pró-chineses. Não é a arbitrariedade das acusações e do processo. É simplesmente terem-lhes baralhado o esquema. E eis que de repente há «maoístas» que são pelo «grupo de Xangai» e «maoístas» que são pelo Hua-Kuo-Feng.

Na verdade o «grupo de Xangai» ou a facção que tomou o poder, são

feitos da mesma massa, são ambos stalinistas, são ambos burocratas. Tanto uns como outros se caracterizam pelo sectarismo, simultaneamente que praticam uma política externa de conciliação face ao inimigo. O «Grupo de Xangai» não é radical de esquerda, como tem sido intitulado nos jornais portugueses, porque não pode ser radical de esquerda aquele que não trava uma luta de morte contra o inimigo principal, o imperialismo. E a facção que tomou o poder não é mais à direita, nem mais à esquerda, porque o que a diferencia dos outros não é a maior ou menor dureza no combate a esse inimigo. E quando falamos do inimigo externo falamos do inimigo interno, pois que o imperialismo terá os seus representantes na China, em tudo aquilo que resta das classes que foram derrubadas com a Revolução chinesa.

E as calúnias, perseguições, processos levados a cabo contra o «Grupo de Xangai» seriam praticados ao inverso se fosse este a tomar o poder.

Acontece que na China se está a dar agora à sua maneira, o correspondente ao «XX Congresso» da U.R.S.S. Os chamados radicais são combatidos tal como foram os stalinistas, mas a política que é feita em substituição não é uma política de esquerda mas continua a ser uma política de conciliação. O que diferencia uns e outros é serem representantes de diferentes estratos sociais e corresponde neste caso da China a uma transformação na industrialização, de que resulta um ganhar de importância do extracto operário, o qual rivaliza com os burocratas do aparelho do partido e do Estado e com os camponeses.

Mas chegando o eco destes dois grupos, o que não nos chega, tal como em relação aos países do pacto de Varsóvia é uma voz realmente de esquerda, que critique o aparelho de Estado em nome da defesa do proletariado, do internacionalismo proletário, etc. O que nos chega ao «Occidente» são só ou falsas imagens da radicalização que não passam de sectarismo ou vozes de transfugas identificados com o imperialismo.

Por tudo isto, os pró-chineses portugueses, vão ficar embaraçados. E, se a China aceitar a mão estendida que a U.R.S.S. lhe está a estender, pode ser que ainda assistamos ao espectáculo infável que será a visita cordial do deputado Acácio Barreiros a Álvaro Cunhal... Nunca se sabe, entre stalinistas tudo se pode passar. E sempre com justificação.

Mas que os pró-chineses portugueses, com tanta confusão, desesperarem com a situação portuguesa, dir-lhes-emos como lhes disse um fra-

cês (por acaso maoista): Vão para a pró-China!

Mas serão os maoístas os detentores da pureza inicial do marxismo-leninismo, serão eles «m-l» realmente?

Transformando o marxismo em religião, os «m-l» praticam o primeiro acto antimarxista, pois que o marxismo é não só contra todas as religiões como contra todos os sistemas filosóficos.

Na verdade os «marxistas-leninistas» têm de Marx a religião e umas pequenas luzes de economia que aplicam esquematicamente, mecanicamente. E com esse mesmo mecanismo que interpretam a realidade e é com puro idealismo que laboram em ideologia na base apenas de ideias, de intuições de maior ou menor capacidade orgânica, desligando as análises da realidade concreta. Em resumo os «marxistas-leninistas» não são marxistas.

E quanto a Lenine, da sua obra apenas retiveram «O Que Fazer?» do qual extraíam toda a doutrina. Ora Lenine foi muito mais do que isso, antes e depois da Revolução de Outubro. Os «marxistas-leninistas» não são leninistas...

Mas se perdem a coleira, quem os achará? Ficarão eles como os anarquistas «sem Deus nem dono»?

Mas é já sem Deus nem dono que os militantes da U.D.P. andaram em Caxias, pois que resolveram não seguir as passadas dos seus chefes e enveredaram pelo caminho livre dos morros que levaram ao forte. Mostraram pois que são capazes de criticar os seus dirigentes e de fugir à sua orientação recuada.

Pois que mais uma vez os «maoístas» portugueses mostraram a face. Enquanto quatro dirigentes da U.D.P. se sentavam no Congresso do P.S., partido do poder, como podiam os outros ir gritar contra o poder?

Eles cumpriram o seu papel: sectariamente vão afastando tudo quanto mexe e que não é U.D.P., vão manobrando, vão caluniando. E ao mesmo tempo fazem uma política de conciliação com a burguesia, travando apenas lutas parciais, mas não pondo em causa o Poder. Tentaram sabotar a manifestação até ao fim e depois desviaram-na. Tentaram enganar as massas mas desta vez as massas não se deixaram enganar. Desta vez enganaram-se os dirigentes. O «marxismo-leninismo-maoísmo» tal como outros «ismos» têm os dias contados. O homem caminha para a sua libertação.

Em Portugal a solução não passará nem pelo capitalismo de Estado nem pela coleira ao pescoço do proletariado. Passará pela democracia proletária, pela coleira ao pescoço da burguesia. Ou seja, passará pela ditadura do proletariado.

ALGUMAS NOTAS

sobre a

manifestação de Caxias

As comunicados do PRP sobre a manifestação de Caxias pela libertação de Otelo, publicado neste mesmo número do «Revolução», é indispensável acrescentar algumas notas importantes, para melhor se compreender qual foi o papel da UDP nas tentativas de sabotagem desta grande Concentração Nacional.

1) No sábado, logo que conhecida a prisão de Otelo, convocou-se uma reunião de emergência que teve lugar no próprio sábado, e na qual esteve representada a UDP. Aí elementos independentes da CNPUP, todas as forças políticas, incluindo a UDP, estiveram de acordo com as várias iniciativas tendentes à libertação de Otelo, inclusive com a manifestação de 4.ª-feira e a Concentração em Caxias no domingo dia 31. Aí foi decidido que os camaradas da Comissão Nacional que iam às distritais dos GDUPs naquele fim-de-semana aproveitariam, entre outras coisas, para fazer um apelo à mobilização nacional para Caxias. Também, em conferência de Imprensa na 3.ª-feira de manhã, e nos cartazes então editados apareceu em conjunto o apelo à mobilização para quarta-feira e domingo.

2) Na reunião da CNPUP na terça-feira à noite, a delegação da UDP repôs a discussão sobre a concentração de Caxias, recuando na posição que anteriormente havia assumido e rejeitando esta concentração, em termos de problema de fundo e propondo concentração para outro local a ver. Apresentavam então, uma «análise política» em que «previam que com o fim-de-semana prolongado, haveria uma grande desmobilização e a concentração seria um fracasso». «Ficariam assim isoladas as vanguardas, sujeitas a graves provocações, em terreno descoberto». Estranha análise esta, reveladora de enorme falta de confiança nas massas, eles que se julgam uma grande direcção política e que em Agosto (porque queriam fazer «eleições», à pressa nos GDUPs diziam que a desmobilização era da pequena burguesia e que os trabalhadores não tinham férias!

As outras forças políticas presentes consideraram que a UDP não tinha apresentado argumentos convincentes para desmarcar a Concentração de Caxias e decidiu-se retomar a discussão deste problema em reunião de Secretariado alargado na quarta-feira antes da manifestação.

3) Na reunião de quarta-feira, a UDP continuou a repetir os mesmos

«argumentos» para recusar a Concentração, sem convencer ninguém, mas foi ainda mais longe. afirmou que em caso da Concentração ir para a frente, ela teria que tomar uma posição pública.

O PRP manteve inalterável a sua posição de considerar que era de fazer a Concentração e reservou-se o direito de fazer um comunicado público caso a concentração não fosse para a frente.

Então houve outras forças políticas que recuaram, dizendo que sem a presença da UDP e ainda com uma tomada de posição pública desmobilizadora por parte desta organização, não era possível fazer a Concentração de Caxias.

Foi então decidido nesta reunião do secretariado alargado que um elemento independente da Comissão Nacional iria na manifestação daquele dia, quarta-feira, que a concentração de Caxias já não se realizava. Esse elemento acabou por não tornar público, dada a grande mobilização verificada na manifestação de quarta-feira, as objecções de vários camaradas, e a consulta feita no local a elementos de várias organizações políticas.

4) Forças políticas e elementos da Comissão Nacional consideraram após a manifestação de quarta-feira, que era de repor a discussão sobre a concentração de Caxias e essa discussão foi retomada na quinta-feira, ao fim da tarde. Postos os vários argumentos sobre a mesa, todas as forças políticas, excepto a UDP, consideraram que seria grave erro político não fazer a Concentração e que era de ir para a frente com ela. Aí a UDP voltou a fazer chantagem, até insinuando a possibilidade de boicote a partir de estruturas do Movimento por ela controladas. O PRP reafirmou a sua posição que vinha desde o início, mas houve forças que novamente hesitaram e, então, fizemos a seguinte declaração: «Se a Comissão Nacional desconvocar a Concentração, o PRP, como partido, apela a nível nacional para essa concentração». Foi pedido, por parte de determinada força política, um breve intervalo para consultas

a fim de se retomar a reunião com uma decisão definitiva. Ao recomenciar a reunião foi decidido fazer a Concentração, contra a posição da UDP.

5) Em relação à Concentração de Caxias, os boatos, as calúnias e as provocações por parte de elementos da UDP, dentro e fora da Comissão Nacional, foram uma constante, que nos abstemos de referir, por assumirem muitas vezes aspectos pidescos. Os boatos sobre infiltração de sargentos na manifestação de quarta-feira, o comunicado da UDP e as várias calúnias proferidas por elementos desta organização, faziam parte duma campanha de intoxicação, que visava a desmobilização da Concentração de domingo, em Caxias. Mas ainda são novatos como aprendizes de polícia!

6) A UDP que recusava a concentração de Caxias, apoderou-se, contudo do serviço de ordem, através da distrital de Lisboa, que controla. Após cenas de «desaparecimento» dos responsáveis da distrital de Lisboa, na quinta-feira à noite, e de ainda na sexta-feira à tarde dizerem desconhecer oficialmente o que se passava sobre a Concentração, veio, afinal, e em «novos moldes», uma distribuição de braçadeiras, que foi feita com discriminação, não as entregando a algumas zonas e GDUP, que sabiam escapar-lhe ao controlo. Em nome de Zonas, GDUPs e do próprio PRP foram exigidas braçadeiras no sábado e no domingo, que a distrital de Lisboa recusou, com pseudoargumentos. E natural que isto tenha gerado mal estar, e até dado origem a serviços de ordem paralelos. Houve um ligeiro incidente entre camaradas do PRP num desses serviços de ordem paralelos e o serviço de ordem da distrital de Lisboa, que a delegação do PRP na manifestação sanou de imediato.

7) O percurso da manifestação de domingo foi assente com a nossa pre-

sença e a delegação do PRP à Comissão Nacional esteve à frente de todo o percurso desde a estação de Caxias até se voltar de novo a esta mesma estação.

8) No decurso da manifestação em Caxias, e ao chegarmos ao largo de acesso à tribuna do Estádio Nacional, face à grande mobilização de massas verificada, ao conhecimento do desejo expresso por muitos camaradas de ir até próximo do Forte, e feita uma análise da disposição das «forças da ordem», a delegação do PRP propôs aos outros elementos da CNPUP presentes que se revisse a situação e se fosse até ao Forte em Manifestação. Depois de breve consulta venceu a posição de que não se devia ir até ao Forte. A delegação do PRP presente na Manifestação respeitou a decisão e cumpriu o percurso de regresso até à estação de Caxias.

9) A delegação do PRP considera que a CNPUP não soube tomar a decisão política mais correcta face àquela situação concreta e acha que alguns incidentes, posteriormente verificados entre os manifestantes resultam, em parte, disso. Na Concentração que se verificou junto ao Forte estavam elementos de todas as forças políticas participantes na manifestação e, particularmente, elementos independentes e alguns que se tinham deslocado de longe. Nessa concentração não se verificaram quaisquer incidentes com as «forças da ordem».

10) O PRP considera a Manifestação de Caxias uma grande vitória do povo trabalhador sobre as forças da repressão e do fascismo, mas também considera que de todo este processo se tiram importantes lições sobre quais são as forças que estão realmente empenhadas em avançar para a Revolução e as que recuam ou hesitam constantemente e se dispõem a conciliar com a Social-Democracia.



OTELO CÁ PARA fascistas lá para d

Manifestação em Caxias — Vitória dos trabalhadores

Realizou-se no domingo passado uma manifestação proletária em Caxias. Pelo seu conteúdo revolucionário expresso nas pessoas que ali acorreram, pela forma reformista como os que se julgam donos das massas a quiseram conduzir esta manifestação não pode ser referida por uma forma meramente discritiva.

E ESTAÇÃO — O ENTUSIASMO

Bastante antes das 14 horas já se ouviam as imediações da estação de Caxias entoar o «Grândola» e exigir bem alto a libertação de Otelu. Depois, cada comboio que chegava originava um novo considerável aumento da multidão que respondeu ao apelo da CNPUP e veio para a rua manifestar a sua indignação pela prisão de Otelu que a sua vontade de acabar com este estado de coisas.

Em Lisboa, um comunicado desmobilizador da UDP tinha sido distribuído; em Caxias, esse facto reflectiu-se: Poucos estudantes, poucos doutores, pouca pequena burguesia, o que fez aumentar significativamente o cariz proletário desta manifestação à qual ocorreram dezenas de milhar de trabalhadores.

Nesses homens e mulheres (muitos delas com os filhos) não se notava a mínima intenção de provocar confrontos inúteis nem aventuras suicidas o que tornou ridiculas as atitudes cretinas de muitos elementos do serviço de ordem (de que a U. D. P. se apoderou, não fosse o «Povo Pobre» fazer alguma crânice...), como o grito histórico de um elemento da Comissão Distrital de Lisboa, da U. D. P., de «ou as pessoas obedecem às palavras de ordem dadas pelo serviço de ordem ou damos meia volta e vamos todos para casa».

O PRESIDIO DE CAXIAS

Defronte ao presídio muita gente aguardava que a manifestação por ali passasse, como, aliás, seria lógico. Contudo, tinha sido decidido na C. N. P. U. P. que a manifestação iria passar a várias centenas de metros de lá e parar no átrio de entrada do Estádio Nacional. O aparato bélico das «forças da ordem» não era tão espectacular como se poderia prever mas, ao se tornar nítido o rumo que a manifestação seguia, foram deslocadas pela G. N. R. para novas posições alguns dos seus «jeeps» blindados, o que va-

leu um assobio unísono de todos os que observaram a manobra.

O COMÍCIO

Parada a manifestação, Luis Moita iniciou um pequeno comício, referindo que aquela acção de massas tinha três objectivos claros: primeiro, comprovar a determinação de lutar pela libertação total de Otelu; segundo, exprimir a Otelu a solidariedade da multidão ali presente; terceiro, protestar contra a libertação dos «pides» e fascistas.

Foi guardado um minuto de silêncio em homenagem às vítimas do fascismo, e Luis Moita determinou a sua intervenção com o apelo à disciplina e à dispersão organizada no fim da

mensagem

Pela segunda vez neste ano, o poder político-militar saído do 25 de Novembro te meteu na cadeia, como se não lhe bastasse restringir dia-a-dia as tuas liberdades. Ao atacar a tua pessoa o actual poder sabe que não ataca só a ti, mas atinge o próprio povo trabalhador deste país, atinge os moradores das barracas que ocuparam casas ou os trabalhadores rurais que ocuparam herdades, com o apoio dos soldados do COPCON que tu comandavas, atinge as classes trabalhadoras portuguesas que após o 25 de Abril avançaram para conquistas fundamentais.

Desta vez, meteram-te em Caxias, onde sofreram gerações e gerações de antifascistas e de onde depois foram libertados impunemente os torturadores, os bombistas, os opressores do povo.

É por tudo isso, Otelu, que nós dizemos que sentimos a tua prisão como um grave insulto, não só um insulto à tua dignidade de antifascista e de revolucionário, como também uma afronta ao povo trabalhador que reconhece em ti um homem identificado com as suas lutas.

O grito da nossa revolta tem alastrado de Norte a Sul e do continente às ilhas. Por toda a parte se erguem corajosos protestos contra a injustiça da tua prisão. Eles prenderam-te por tu nos teres dirigido a palavra, eles querem à viva força impedir o teu contacto com o povo, mas nós não consentiremos que isso aconteça.

Hoje vimos até junto da cadeia para demonstrar a determinação da nossa luta e para te exprimir a nossa firme solidariedade. Sentimos a força da nossa unidade, essa mesma unidade popular cujo caminho tu nos apontas sempre, essa unidade que se alarga e se fortalece em direcção a um futuro construído com as nossas próprias mãos.

És um dos nossos, Otelu. Aguenta-te firme no teu posto de combate, pois contas com a confiança do povo trabalhador.

Caxias, 31 de Outubro de 1976

MILHARES DE MANIFESTANTES CONCENTRADOS JUNTO AO FORTE



Apesar da desmobilização e das provocações qu

veio por último Eduardo Cruz, também da C. N. P. U. P., que leu uma mensagem a ser entregue ao camarada Otelu.

Por fim, foi difundida uma gravação de uma intervenção de Otelu, na Gulbenkian, no fim da campanha eleitoral.

DISPERSÃO

Depois foi anunciado o regresso, pelo mesmo percurso, num ponto do qual se veria a janela da cela onde Otelu estaria.

Contudo, era evidente a disposição de quase toda a gente de se aproximar mais do forte do que as largas centenas de metros que os organizadores permitiam.

Mas, o «serviço de ordem» reduzindo a zero (nas suas cabecinhas) a inteligência e senso de responsabilidade das massas ali presentes apelidou imediatamente de provocador todos os que discordaram em voz alta do percurso «oficial».

Tendo em conta o relativamente pouco aparato bélico repressivo; tendo sobretudo em conta que os proletários ali presentes não estavam de modo nenhum dispostos a entrar em «aventuras», devido ao seu sentido

A FORA

entro



Foram alvo por parte de militantes da UDP, muitos foram os que estiveram junto ao Forte

das realidades forjado dia a dia, coisa que falta aos livrescos aspirantes a chefesinhos que, esses sim, conduzem muitas vezes quem se deixar conduzir a derrotas, devido ao seu desejo de testar as suas qualidades de «dirigentes incontestados», quando ninguém precisa deles, e devido à sua cobardia quando é preciso avançar; a atitude dos que se esforçaram por congelar dentro do seu parque de manobras reformistas a vontade colectiva dos manifestantes foi mais uma sabotagem ao M. U. P.

Contudo, mesmo apelidados de «provocadores, aventureiros e radicais» um grande número de manifestantes dirigiu-se ao Forte, enquanto o serviço de «ordem» utilizava os megafones para silenciar este facto e conduzir o mais depressa que podia a «sua» manifestação para a estação.

JUNTO AO FORTE

As pessoas que se dirigiram para o Forte adoptaram ali mesmo uma disciplina voluntariamente assumida; não houve nenhum movimento inútil, não houve histeria colectiva; por uma razão muito simples: os que gostam de incentivar e ver este género de espectáculos não estavam lá; ou tinham fica-

do em casa seguindo as instruções da sua organização ou estavam no grosso da manifestação para evitar que toda ela se transformasse num «bando de aventureiros e radicais».

Aqui, junto ao Forte, intervieram uma camarada da distrital de Lisboa e um camarada da C. N. P. U. P. Foram denunciados factos aqui relatados e frisada a necessidade de vigilância relativa às manobras desmobilizadoras e sabotadoras no seio do M. U. P.

O REGRESSO

Os comboios de regresso, a par de um certo desencanto pelas posições recuadas e pelo carácter de passeata da manifestação, os manifestantes que não chegaram a ir ao Forte, porque não puderam, expandiam o seu entusiasmo nos comboios que inundaram. Houve discussões com viajantes de primeira classe que viram os seus lugares invadidos, cantou-se a «Grândola», a «Internacional», e deram-se vivas ao Otelu, num ambiente sem camaradagem que não existe de modo nenhum nos que preferem uns lugarzinhos a ver o Congresso do P. S. do que lutar pela tomada do Poder pelos trabalhadores.



Libertação para OTELO, já!

1 — O P.R.P. sauda a classe operária, os trabalhadores e os revolucionários, que de todo o País se deslocaram a Caxias para exigir a libertação imediata e incondicional de Otelu, um dos grandes obreiros do 25 de Abril e candidato do povo trabalhador à presidência da República. O P.R.P. sauda a vontade revolucionária a que se exprimiu na grande combatividade das dezenas de milhar de camaradas, com ou sem partido, e que se traduziu numa grande vitória do povo trabalhador contra a repressão, o fascismo e o capitalismo. O P.R.P. sauda o camarada Otelu pelas suas posições firmes ao lado dos explorados e dos revolucionários de Portugal.

O P.R.P. afirma-se a continuar a luta com o povo trabalhador e os revolucionários para que o camarada general Otelu seja imediatamente restituído à liberdade total.

2 — Há, no entanto, factos graves acontecidos no decurso da preparação desta manifestação que o P.R.P. não podia deixar de denunciar.

Assente na COMISSÃO NACIONAL PROVISÓRIA DE UNIDADE POPULAR que se realizava a concentração de Caxias, desde cedo que a direcção da U.D.P. tentou sabotá-la. Primeiro tentou encontrar argumentos para desmobilizar, reunindo razões idiotas ou provocatórias, as quais foram expressas num comunicado que tomou público nos meios da Comunicação no sentido de tentar criar confusão e de assustar as massas. Esta atitude deve-se às suas posições cada vez mais reformistas, à sua conciliação com o governo e com o P.S. (veja-se a numerosa delegação presente ao Congresso deste partido, a sua orientação virada no sentido de contrariar a Revolução. Em face desta posição o P.R.P. afirmou na CNPUP a decisão da sua direcção de manter a convocatória para a manifestação mesmo que o tivesse que fazer sozinho. Infelizmente entre as outras forças presentes nos GDUPs, há as que são conciliadoras de política mal definida, dispostos sempre a oscilar, sem qualquer firmeza.

Mas para cúmulo da demonstração da intenção sabotadora da direcção da U.D.P. verificou-se que à última hora esta organização se apoderou do serviço de ordem da manifestação apesar de oficialmente a combaterem. Isto, no sentido de a poderem sabotar

no próprio local.

Não contentes com isso, andaram em manobras provocatórias, a espalhar que havia entre os revolucionários grupos armados, caluniando os camaradas presentes. Esta provocação vem na sequência doutrinas equivalentes como seja a de andarem a dizer ao longo da manifestação do dia 27 que estavam ali presentes sargentos enviados pelo Estado Maior do Exército para provocar.

Estas manobras tendem a fazer desmobilizar os trabalhadores e a assustá-los.

3 — Mas tem também o P.R.P. que se auto critica porque, tendo determinado que fazia a manifestação custasse o que custasse ingenuamente não tomou medidas orgánicas necessárias para não a deixar sabotar, sabendo embora que havia quem pretendesse fazê-lo.

4 — O P.R.P. está disposto a não suportar mais a conciliação com forças recuadas e reformistas como a da direcção da U.D.P. que não estão dispostas a enfrentar revolucionariamente os avanços da direita, traindo assim os anseios de largas massas de trabalhadores. Acontecimentos como o de hoje não se podem repetir.

Apelamos para que todos os militantes com ou sem partido, sinceramente empenhados no M.U.P. estejam vigilantes perante a provocação e levem até ao fim a limpeza de todos os sabotadores do seio do Movimento.

5 — A desilusão das massas perante a falta de direcção da manifestação; a denuncia feita por milhares de pessoas presentes, as atitudes desmobilizadoras em não conseguirem apesar de tudo, destruí o rigor das massas presentes, nem sua vontade de avançar, expressa aliás na manifestação que acabara por, se conseguir realizar em frente ao forte, e na qual estiveram presentes muitos militantes daquela organização.

Isto prova que, apesar dos problemas existentes no seio do M.U.P., as massas revolvem-nos pelo seu próprio avanço e disposição de combater o inimigo.

E aburguesia pode concluir que as suas manobras de divisão dos revolucionários não resultaram, não impediram o combate.

A manifestação foi uma grande vitória.

e a actualidade nacional

BRIGADA da NATO

a submissão ao imperialismo



«... vocês são uma autoridade, usam uma farda, são uma tropa de elite, podem matar quando necessário»

A Brigada da NATO pretende ser a força operacional capaz de impor em Portugal um poder terrorista da burguesia — o Fascismo.

Constituída por forças de Cavalaria, Infantaria e Artilharia, esta força terrorista, procura neste momento encontrar a teoria que lhe permita organizar-se sem contradições. A dificuldade dos laços do Imperialismo tem sido o encontrar um projecto político-ideológico coerente que mobilize oficiais, sargentos e praças.

No actual estado do processo português este projecto é difícil de encontrar, devido à natureza do próprio processo nos últimos dois anos que facultou uma experiência nova a todos os militares.

A burguesia tenta neste momento fazer crer aos soldados e trabalhadores que esta força se destina a combater um inimigo externo, tentando assim desenvolver nos soldados uma certa agressividade e hostilidade. Qualquer força para se organizar tem de definir correctamente qual o inimigo sob pena da organização que constrói para nada lhe servir. Tem sido esta a grande preocupação da burguesia. Assim o «Expresso» faz crer como viável a intervenção da Brigada da NATO, no conflito que opõe gregos a turcos. Mas também procura a burguesia que outra ideia vingue que é consequência directa da reacção política externa chinesa.

Aliados das forças mais reacçãoárias portuguesas, são as suas palavras de ordem difundidas pelas bocas dos oficiais fascistas. Definindo como inimigo principal dos povos o «social Imperialismo» sem mais nada facultam assim os teóricos chineses, às miopes cabeças fascistas a teoria que elas são incapazes de conceber.

A ida de oficiais portugueses à China teve como objectivo, os transformar em propagandistas destas ideias.

Na actual situação político-económica portuguesa só espíritos tacanhos ou estúpidos como botas de papa poderão acreditar nesta patranha.

Mas não são estas cabeças que se preparam para dirigir e firmar esta força. Apetecerá rir se assim fosse, mas são os americanos — na NATO

— a força determinante ao nível da direcção política. Os oficiais são operacionais com 4 ou 5 anos de experiência de guerra, telecomandados da América via CIA-NATO. Para este efeito estão a ser ministrados em S.ta Margarida cursos para formação de quadros, a sargentos e oficiais, que irão enquadrar e comandar esta força ao mesmo tempo que se organizam viagens para oficiais a França, Alemanha e Estados Unidos. Enfim, numa verdadeira escola. O espírito de tropa de elite é cultivado, ouve-se com frequência da boca dos instrutores para os recrutas a frase, «vocês são uma autoridade, usam uma farda, são uma tropa de elite podem matar quando necessário.»

O inimigo dos patrões americanos, donos das multinacionais que por cá sugam os trabalhadores não são os russos, são os trabalhadores. E é para enfrentar o inimigo que esta força se organiza. Ou se não é assim porque funcionam os paras estacionados em Monsanto contra guerrilha urbana simulando ataques a bairros pobres? porque?

CONTRADIÇÃO NA BRIGADA — REFLEXOS DA LUTA PELO PODER DAS VÁRIAS FACÇÕES DA BURGUESIA

A organização desta máquina tem estado nas mãos da direita mais reacçãoária, aliada do imperialismo ameri-

cano, e tem sido esta linha que tem detido a posição hegemónica dentro desta força.

A linha actualmente hegemónica a nível do poder político-militar Eanes/Vasco Lourenço — tenta neste momento enfiar na Brigada tropas da sua confiança tanto na Cavalaria através de Salgueiro Maia como de Infantaria arma de Vasco Lourenço.

As movimentações feitas no escuro por estas duas linhas tem tido reflexos na organização da Brigada, mas não têm impedido que ela avance dado que no seu interior a direita fascista aliada do imperialismo comanda.

Eanes tem desenvolvido um poderoso jogo de influências que de nada lhe valerão, dado que o seu governo de competência nada mais será do que mais um degrau na escada que levará ao fascismo, se entretanto não ganhar corpo a alternativa revolucionária.

A polémica que se desenvolve entre a Infantaria do Exército e os paras, tem como ponto central saber quem afinal fará parte da Brigada como tropa de Infantaria, incluindo a direita fascista para os paras. Claro que a isto se opõe a Infantaria do Exército, não por questões operacionais mas por razões de natureza política.

No entanto uma certeza têm os revolucionários como adquirida, a burguesia fascista não poderá passar sem um aparelho de força para desferir o golpe fascista chame-se a essa força Brigada da NATO ou exército profissionalizado.

AS CLASSES

Os oficiais

A ideologia que predomina é a militarista. Há, no entanto, dois tipos — os militaristas fascistas que pretendem transformar a sociedade portuguesa numa grande caserna onde sejam eles os comandantes, e há os que gostam muito de tropa e satisfazem-se por mandar só dentro do quartel. Claro que uns e outros trabalham no mesmo sentido, fortalecimento do Exército da burguesia.

Há no entanto pequenas discussões, resultado de discordâncias a nível de pomenor: como, se deve ou não formar para o pequeno almoço, fomar ou não para beber a bica, etc.

Sargento

Surpreende à primeira vista a importância que a classe de sargentos tem assumido no desenvolvimento deste processo.

A esta classe o 25 de Abril trouxe com as movimentações de soldados dentro das unidades, a insegurança, fê-los temer o desemprego, e atirou-os irremediavelmente para a direita. A

incapacidade de perceber todo o processo é consequência do lugar que sempre ocuparam na organização militar que foi o desempenho de cargos administrativos ou de técnicos especializados.

Durante a guerra colonial dado o papel que desempenhavam nunca perceberam o que era opressão, a guerra para a maioria deles foi mais uns quilos de farinha, mais uns pneus, mais uns motores reparados, etc.

A luta pelo direito ao trabalho e por melhores condições de vida é uma reivindicação que assiste a todos os explorados em sistema capitalista. O movimento desencadeado pela satisfação destas justas reivindicações pelos sargentos tem sido manipulado pela direita. Os sargentos apesar da sua condição de inferior hierárquico, raras vezes se assumem contra os oficiais submetem-se às directivas superiores por disciplina imposta pela própria organização. São flagrantes as injustiças que eles por injustiças que eles por disciplina imposta não contestam. Habituarão-se a comer e calar.

A despersonalização que provoca em qualquer ser humano uma situação contraditória deste tipo, leva a maioria dos sargentos por incapacidade de sair em deste ciclo vicioso, a afogarem-se no álcool e alguns na droga, para esquecer as misérias que resultam da sua própria condição.

A direita reacçãoária está no momento actual no interior da Brigada, explorando esta situação contraditória facultando aos sargentos lugares de Comando ao mesmo tempo que lhes aumenta os vencimentos.

Por este facto, são os sargentos na situação actual os grandes organizadores deste exército que se propõe esmagar o 25 de Abril e a Revolução. Conta a burguesia que os sargentos lhe façam o que os seus oficiais foram incapazes de fazer: esmagar a Revolução Socialista. Cabe na situação actual aos revolucionários encontrar nesta classe os aliados que permitam trazer-lhe a para o lado da Revolução para o lado dos trabalhadores.

Os soldados

A formação dos novos recrutas tem decorrido de modo calmo sem graves incidentes. A agitação não tem abundado, os movimentos também não. O isolamento a que ficam submetidos depois de entrarem para o quartel, fê-los perder a noção da situação política que se vive no país. Neste momento, na maioria das unidades o álcool e a droga cada vez tem mais adeptos.

A burguesia esconde isso. O que leva ao consumo da droga e do álcool a situação de carneiro a que se sentem reduzidos numa organização em que a iniciativa pertence a comandantes telecomandados.



TESE COMPONENTE MILITAR

A tentativa de recuperação capitalista, onde são postas em causa as conquistas revolucionárias dos trabalhadores, a grave crise económica que o País atravessa, crise essa que se irá reflectir muito em breve em alguns sectores da nossa indústria, para as quais não há viabilidade de recuperação capitalista, levará inevitavelmente ao confronto violento que terá de ser contabilizado para o campo revolucionário.

Sendo o confronto inevitável, temos que organizar e preparar as massas trabalhadoras para que esse confronto seja como desejamos vitoriosos para o proletariado.

Aos trabalhadores, terão que se aliar os militares revolucionários que tenham apoiado a candidatura de Otelo.

Para isso propomos:

1. Uma forte organização;
2. Uma perfeita ligação das quatro componentes do MUP;
3. Uma correcta direcção política.

ORGANIZAÇÃO — Temos pois de organizar e coordenar os militares revolucionários, que aderiram ao programa de Otelo e as massas trabalhadoras representadas pelos órgãos populares de base ou nos GDUP.

LIGAÇÃO — As 4 componentes do MUP terão que forçosamente ter uma estreita ligação para que não permitam que se efectuem lutas sectoriais,

facilmente isoladas pelo poder burguês.

Assim terão de ser transportadas para as fábricas e campos as lutas dos soldados dentro dos quartéis e as lutas dos trabalhadores para os quartéis.

DIRECÇÃO POLÍTICA — A necessidade de uma direcção política unificada que conduza o processo revolucionário que se tem vindo a desencadear nos últimos tempos e recentemente com a movimentação de massas gorada à volta da candidatura de Otelo e do seu programa é hoje uma necessidade objectiva que aponte a todas as movimentações dos trabalhadores a conquista do poder e que exclua todas as hipóteses frentistas de carácter defensivo.

O movimento insurreccional terá de possuir uma direcção política revolucionária, claramente demarcada de propostas reformistas.

Essa direcção política que terá de

ser encontrada na ligação dos órgãos representativos das quatro componentes que integram o Movimento de Unidade Popular, terá que adoptar uma táctica que sirva a estratégia insurreccional, única forma de o proletariado tomar o poder.

Pois se essa direcção política revolucionária não preparar e perspectivar as massas trabalhadoras para o confronto que se avizinha cairá numa prática reformista que é a de não dar a par de uma teoria revolucionária outro elemento igualmente importante que é o da organização para o emprego da violência, que vai começar a surgir.

Poderão assumir grande importância neste processo os ex-militares desempregados já que têm toda uma preparação militar capaz de preparar militarmente os trabalhadores para o confronto, podendo ainda devido à sua passagem pelas casernas ser um elo de ligação entre os trabalhadores e os soldados.

Contra a violência fascista, violência revolucionária!!!

Pela insurreição armada!!!

Viva a Revolução Socialista!!!

G.D.U.P. dos ex-militares desempregados

A ALTERNATIVA

O MUP/a componente militar

Temem certas forças esta componente, recusam organizar a classe quando ela está submetida a uma feroz repressão, são incapazes nesta situação de construir a alternativa.

Recusar organizar os soldados é cair na situação de antes do 25 de Novembro, é cometer o erro que se cometeu aquando das movimentações SUV, a qual não teve direcção política.

A resposta que os trabalhadores irão dar à burguesia, tê-lo-á de ser ao lado dos soldados e para isso é necessário um projecto político, uma direcção política. Os tempos dos passeios na baixa já lá vão. A incapacidade, na altura, da esquerda revolucionária de avançar um projecto político transformou estas movimentações em meras formas de pressão das quais o reformismo procurou obter benefícios através de jogos de gabinete. E o resultado foi o 25 de Novembro.

Nesta situação, em que o confronto se avizinha, recusar organizar os soldados é temer no confronto ou jogar na conciliação. A luta pela tomada do poder pelos trabalhadores, terá de ser assumida pela classe sob a direcção dos seus órgãos eleitos nos bairros, nas fábricas e nos campos.

A alternativa ao poder burguês e seu exército afirmar-se-á pela organização do exército revolucionário.

A sistemática fuga à discussão da prática de certas forças, preferindo o golpe, é resultado de uma concepção pequeno-burguesa e espontaneísta, que o seu desinteresse pela componente militar mostra claramente. Para os revolucionários a construção da teoria revolucionária far-se-á a partir da discussão da prática e experiência de cada um por si e a de cada organização como um todo no interior do movimento.



A organização dos soldados com os trabalhadores terá que efectivar-se para que as lutas de uns e de outros possam ser coordenadas para o mesmo objectivo — a tomada do poder

internacional

URSS

7 de Novembro de 1917

59 anos de esperança

7 de Novembro de 1917 — a data que ficou daquilo que John Reel objectivamente definiu com «os dez dias que abalaram o mundo». Da sua importância falam os milhões de páginas descritas sobre o acontecimento, o que mesmo ainda hoje resta vivo na memória de alguns velhos militantes, o reflexo que de pronto teve por todo o mundo. À sua maneira, todos homenagearam o feito: o militante queo recebeu como símbolo supremo e sagrado, o comum «apolítico» que o respeitou no silêncio ou na rara alusão, o reaccionário para quem a URSS funcionava como escape de todo o seu ódio.

NEM FÁTIMAS
NEM VATICANOS

Importa pouco, entretanto, a data em si. Tem acontecido em 7 de Novembro ou em qualquer outro, dia, é coisa de pouca ou nenhuma importância, para nós. Importante é perceber as raízes e as consequências do acontecimento. É preciso separar o trigo do joio: É tão fundamental compreender o avanço realizado, como as suas limitações e as suas insuficiências. 7 de Novembro não pode ser, para os revolucionários, uma espécie de 13 de Maio. Nem a URSS pode mais ser, como o foi, a Fátima dos revolucionários. Não é com «Fátimas» e «treze de Maio» que se fazem revoluções, porque a revolução não é nenhuma procissão nem a teoria revolucionária uma religião, nem a tática revolucionária um catecismo. Fazer de Moscovo (ou Pequim) mais um vaticano é reduzir à imbecilidade a militância revolucionária, é transformar a teoria revolucionária («marxismo-leninismo» ou marxismo-leninismo-maoísmo) um segundo «ópio do povo». Da mesma maneira que reduzir a Revolução Russa à figura de Lenine e (de Estaline ou Trotski) é fugir ao fundo da questão fazendo crer que aquilo que é fruto da luta de classes, foi obra de fulano ou cicrano. Não pode haver papas na revolução.

Exactamente porque não há papas, nem vaticanos, nem Fátimas, nem 13 de Maio na revolução, exactamente porque uma revolução é uma obra concreta talhada numa situação bem concreta, eis porque não há revoluções puras que possam funcionar como modelos sem defeitos. Tal e qual o artesão que talha a madeira não pode ir além do que lhe permitem a ferramenta e a matéria-prima, assim os revolucionários (sejam eles Lenine, ou Estaline, ou Mao) não podem ir além daquilo que permitem as condições objectivas. Tanto mais que da mesma maneira que o artesão é um pouco o fruto da madeira que trabalha, também o revolucionário é de algum modo modelado pela realidade que vive.

OS MAIORES INIMIGOS
SÃO OS FALSOS AMIGOS

Não tem sido a reacção quem mais tem contribuído para empobrecer a conquista que foi o 7 de Novembro. Até porque os ataques da reacção têm muitas vezes o resultado contrário, junto dos trabalhadores mais

avuçados («se ele diz mal daquilo é porque deve ser bom»). Quem mais tem denegrido a revolução russa são exactamente aqueles que, não se preocupando em a perceber, limitam-se a dizer amen a tudo o que cheira a russo (os pró-soviéticos) ou apostam em maldizer tudo quanto a russo cheira (os pró-chineses). Uns e outros comportam-se como frades de duas ordens que se disputam. Uns e outros fazem da revolução uma religião, o que além do mais é manifestação de fraqueza e incapacidade em perceber a história. E quem não perceber a história não a poderá, nunca transformar. Quem milita religiosamente não irá além da rotina da missa e do cumprimento do conto do vigário.

NÃO AO CAPITALISMO
DE ESTADO

A única forma de melhorar uma obra é descobrir-lhe os defeitos e as insuficiências. Mas não basta. É preciso também descobrir as causas desses defeitos e dessas insuficiências. Se assim não for, os defeitos e as insuficiências manter-se-ão. Comemorar o 7 de Novembro de 1917 é fazer a revolução, é trabalhar para ela não é festejar um aniversário.

Mas fazer uma revolução, hoje, em Portugal, exige que se não repitam as mesmas insuficiências e os mesmos defeitos de que padeceu a revolução russa. E preciso saber o que lá esteve e está errado, para não voltarmos a cair no erro.

Ora, em termos de defeitos e insuficiências, o que é fundamental tem em conta é que não podemos ignorar que 1917 não foi o salto para o socialismo, mas para o capitalismo de Estado. Foi dada uma machadada de morte na propriedade privada, mas não se passou da nacionalização. Não há socialização, há um Estado-patrão através do qual a nova burguesia explora os trabalhadores. Não há um Estado e um Governo dependentes das classes trabalhadoras, há um Estado nas mãos do partido. E como o partido não é eleito e controlado pelos trabalhadores, nem Estado formado e dependente dos trabalhadores. Há uma vanguarda autointitulada — o partido — que é, de facto, um novo patrão.

PELA DITADURA
DO PROLETARIADO

Esta é a questão central. É neste ponto que os revolucionários têm de se entender urgentemente. É preciso saber, de uma vez por todas, se se



luta pela ditadura do proletariado ou se pela ditadura do partido. É preciso saber se quem deve ser responsável pela empresa são delegados dos trabalhadores ou se são gestores nomeados pelo Estado. É preciso saber se haverá assembleia tipo parlamentar com nomes propostos e controlados pelo partido ou se haverá assembleias populares com delegados dos trabalhadores eleitos a partir do local de trabalho. É necessário saber se haverá prémios para os melhores, ou pelo contrário, apenas para os piores. É urgente definir-se se os trabalhadores não podem pôr em causa este ou aquele dirigente, o Governo ou qualquer instância, ou se, pelo contrário podem e devem discutir abertamente, em assembleias, os seus problemas e expressar as suas opiniões. É preciso definir-se se se quer ou não o capitalismo de Estado.

A resposta não é tão complicada, porque o facto é que, 59 anos após o peso do proletariado, o seu grau de experiência e de consciência é hoje muito maior do que era na Rússia em 1917. Se a realidade objectiva ditou, que na Rússia, o capitalismo de Estado com um partido clássico todo poderoso, a verdade é que o proletariado não permitirá nunca que em Portugal haja um Estado-patrão. Se na URSS os soviets (conselhos operários) foram sol de pouca dura, qualquer revolução em Portugal terá a organização política autónoma dos trabalhadores a sua alavanca mestra. Qualquer revolução aqui terá forma na Ditadura do proletariado através dos seus órgãos autónomos. Por muito que custe aos defensores do capitalismo de Estado...

DEIXAR PELO CAMINHO
OS FALSOS AMIGOS

E que nos entendamos também sobre a via para a revolução. Muitos dos que acreditavam que era possível a revolução por via pacífica desiludiram-se com o 25 de Novembro. Mas se a lição do 25 de Novembro for bem aprendida, terá valido a pena tão severa e perigosa lição. Em Portugal como na URSS, como aliás, no Chile, no Vietname, em Angola, na Coreia, na China etc. a burguesia não cai de madura. Quando se vir aflita recorrerá como sempre recorreu à violência reaccionária. E cá como lá, ou os revolucionários e os trabalhadores compreendem isto e se preparam para opor a violência revolucionária à violência reaccionária, ou não haverá aqui nenhum 7 de Novembro, mas sim um 11 de Setembro...

E não haverá revolução em Portugal enquanto não ficarem de vez pelo caminho aqueles que se autoproclamam vanguarda, aqueles que fazem assembleias fantoche, aqueles que tomam posições sem discussão democrática, aqueles cuja primeira preocupação é controlar tudo e todos, aqueles que manobram a torto e a direito, aqueles cujo oportunismo os leva a conciliar com a burguesia, aqueles que se apresentam como os novos patrões. Curiosamente, aqueles que, falando em democracia para os trabalhadores, nem sequer no seu partido a praticam...

E não haverá, também, revolução enquanto houver hesitações, vacilações oportunistas, enquanto não se disser claramente o que queremos e como lá chegar.

mensagem do PRP ao congresso da LOTTA CONTINUA

O PRP na impossibilidade de estar presente no congresso efectuado pela organização da esquerda revolucionária «LOTTA CONTINUA», enviou uma mensagem, a qual transcrevemos de seguida:

CAMARADAS CONGRESSISTAS:

Neste momento histórico de profunda crise do capitalismo à escala mundial, em que amadurecem as condições objectivas propícias à Revolução Socialista, é sobremaneira pesada a responsabilidade que cabe aos revolucionários do mundo inteiro.

O P.R.P. saúda fraternalmente todos os congressistas e organizações convidadas, na esperança que este Congresso de Lotta Continua se salde em mais um passo no sentido da organização revolucionária do proletariado italiano e, por esse meio, do proletariado à escala mundial.

Entende o P.R.P., organização forjada e inserida no mais agudo dos processos revolucionários da Europa, que é objectivo da maior importância o trabalho que vise a definição duma estratégia revolucionária à escala mundial, já que a crise do imperialismo coloca na ordem do dia a Revolução Proletária à escala mundial.

O grau de desenvolvimento da sociedade capitalista exige que cada revolucionário se situe activamente num quadro geral que ultrapasse as meras fronteiras da fábrica ou do bairro, da província ou mesmo do país. O que está hoje em causa não é a Revolução Socialista em Itália ou em Portugal, o que está em causa é a Revolução Socialista à escala europeia, à escala mundial.

O trabalho de definição duma estratégia e, consequentemente, duma tática global das forças revolucionárias à escala mundial é tanto mais árduo e difícil, quanto é certo constituir realidade inequívoca a tremenda influência organizada que o reformismo capitulacionista e traidor exerce sobre o proletariado e sobre o movimento operário. A actual correlação de forças é, do ponto de vista orgânico, enormemente favorável às correntes sociais-democratas (a ortodoxa e a «stalinista»). Acentua esta desvantagem, o facto de estar por repór de pé a teoria revolucionária durante tantos e tantos anos alvo das mais graves distorções, e bem assim o espartilhamento das organizações da «esquerda revolucionária», ela mesma em fase de despertar e ensaiar os primeiros passos cujas vacilações se devem ao reflexo, no seu seio, de interesses que são próprios da pequena-burguesia, da sua inesperienza, da necessidade de criar de acordo com a realidade objectivas que se diferenciam claramente de outras onde a sociedade capitalista sobrou.

Foi para o P.R.P. particularmente rico em ensinamentos o processo re-

volucionário vivido em Portugal, mormente no que toca os problemas acima focados. A relação dialéctica entre a teoria, a prática e a organização é algo que só com a dinâmica do processo revolucionário pode acostar a bom cais. Nessa medida, muitos dos problemas que afligem a esquerda revolucionária na maioria dos países capitalistas economicamente desenvolvidos foram ultrapassados no quadro do processo revolucionário em Portugal.

A luta titânica que, do ponto de vista ideológico e político, o P.R.P. tem travado está a atingir o seu auge. A unidade conseguida em torno e a partir da candidatura de OTELO à presi-

política. Sendo um facto este agravamento, logo se criaram condições, no terreno concreto da luta de classes, para uma clarificação que deixa pelo caminho todos os reformismos, sejam eles de direita ou de esquerda. O que antes já era evidente para o P.R.P., é-o já hoje para largos sectores das massas trabalhadoras: a inevitabilidade dum confronto violento entre a burguesia e o proletariado que não pode ter outras saídas que não sejam ou o Fascismo ou a Revolução Socialista.

Reformistas no seio dos GDUP há-os e são exactamente aqueles que, sob uma verborreia anti-PC, decalcam a sua estratégia — Capitalismo de Estado — pela do próprio PC. Mas a hora da clarificação chegou e, com ela, a possibilidade da alternativa orgânica capaz de cumprir junto das massas trabalhadoras as tarefas fundamentais que cabem ao necessário

num momento que pode ser decisivo, tanto mais que é flagrante a dificuldade, por parte das forças fascistas, de conseguirem base social de apoio significativo.

Não tem o P.R.P. qualquer veleidade de se pretender o Centro ideológico da esquerda revolucionária a nível europeu; mas entende, de acordo com a análise que faz da situação política a nível internacional, que as forças revolucionárias têm de se assumir como defensores autênticos da única alternativa possível ao imperialismo. E já uma certeza e um facto que sentimos na pele o empenhamento do imperialismo em evitar a Revolução Socialista em Portugal. Tal se compreende, não pela importância de Portugal em si, mas pelas enormes e evidentes repercussões que tal acarretaria a nível europeu (Espanha, Itália, França, etc) e mundial.

Ora esta realidade não tem sido, na generalidade e salvo raras excepções, sentida e levada até às últimas consequências pelas forças revolucionárias. Na renovação criadora da teoria e da prática, exige-se hoje às forças revolucionárias o enriquecimento do conceito de internacionalismo proletário. Esta exigência não é ditada por qualquer concepção moral, mas pela evidência sentida de se jogar desde os últimos meses e a curto prazo, em Portugal, não a derrota definitiva da Revolução Socialista, mas a sua vitória no quadro Europeu, logo mundial.

Este alerta que lançamos aquando deste vosso Congresso não é, camaradas, em grito de desespero. É sim, e deste modo deve ser interpretado, uma moção pública dirigida aos revolucionários do mundo inteiro e através da qual o P.R.P. cumpre a sua função de organização revolucionária internacionalista, chamando a atenção para um problema internacional da maior importância e que ele detecta mais rapidamente em toda a sua dimensão por lhe tocar directamente.

Camaradas Congressistas,
Camaradas Convidados,

Junto de vós, e através de vós, o P.R.P. levanta alguns problemas que reputa de primeira importância na actual situação mundial em que a crise profunda da cadeia capitalista-imperialista, com o seu elo mais fraco em Portugal, exige o refazer da teoria e da prática de cada organização revolucionária.

A todos vós o P.R.P. saúda fraternalmente depositando fundadas esperanças nos resultados dos vossos trabalhos cuja contribuição para a causa a todos comum se deseja o mais profunda e frutífera.

Saudações Revolucionárias

Lisboa, Outubro de 1976

A Direcção do P.R.P.



dência da República foi o resultado de um longo e aturado esforço e duma acentuada clarificação da situação política determinada pela rápida e constante agudização da crise económica desta sociedade capitalista.

Sabia, entretanto, o P.R.P. que tal unidade entre várias organizações políticas consubstanciada nos Grupos Dinamizadores de Unidade Popular (GDUP) era forçosamente precária, dadas as contradições existentes no seu seio e o acentuar previsível do agravamento da crise económica, social e

forte Partido revolucionário de massas.

Não surgirá, entretanto este partido revolucionário de massas dum acordo entre os partidos agora existentes: ele nascerá duma clarificação no seio dos Gdup, dos militares progressistas, das organizações populares de base e dos próprios partidos, afinal duma dinâmica do próprio processo revolucionário que naturalmente se reflete nestas 4 componentes integrantes do M.U.P.

Encontramo-nos pois, em Portugal,

dos leitores

A PROPÓSITO DA CHINA

A carta que se segue, escrita por um leitor simpatizante do PRP, avança com uma análise da situação chinesa, baseada numa observação do quadro económico-social da China e da sua evolução.

Publicamos esta carta, em toda a sua extensão dado que baseia a análise num método com que estamos de acordo embora isso não signifique que estejamos com todas as conclusões. De qualquer modo esta carta constitui uma abertura para a polémica, que entendemos ser o caminho mais justo para o esclarecimento.

O Jornal «REVOLUÇÃO»

Camaradas:

Estranho não ter ainda vindo no «Revolução» qualquer análise dos acontecimentos que ultimamente se passaram na China, não por pensar que uma interpretação do que lá se passa vai influir na estratégia que os revolucionários deste País devem seguir, mas porque considero que esses acontecimentos vão influir no movimento proletário internacional, e em primeiro lugar no movimento proletário chinês.

A maior parte das análises havidas sobre os recentes acontecimentos são profundamente idealistas e moralistas (os bons, os maus, os da linha justa, os renegados), esquecendo-se completamente que as diversas posições são fruto mais ou menos consciente de processos reais e das posições que nesses processos se assumem.

Não desejando por outros bons ou outros maus, conforme a perspectiva, passarei a fazer uma sumária análise da evolução económica da China, factor indispensável para que se possa perceber os actuais acontecimentos que surgiram, para os espectadores mais desprevidos, como tempestade num céu azul.

Antes de 1949, data do domínio do PCC sobre a China Continental, esta era um país extraordinariamente atrasado, praticamente sem indústrias (as poucas que havia tinham sido impostas pelo Imperialismo, portanto dominadas completamente pelo estrangeiro), predominando a agricultura em moldes verdadeiramente feudais.

Não havia pois os meios necessários para um desenvolvimento rápido da indústria, com uma burguesia extraordinariamente minoritária incapaz de assumir o papel histórico que a burguesia europeia tinha assumido; por outro lado, o proletariado não podia passar à luta pelo socialismo, por dois motivos:

1.º — Era muito minoritário face à população global do país, não podendo por conseguinte estar organizado enquanto classe com alternativa de Poder.

2.º — Não podia destruir o capitalismo, porque este estava a dar os seus primeiros passos, não podendo haver socialização das forças produtivas, condição *sine qua non* do Socialismo.

No momento a situação não era de destruição do capitalismo, mas do seu desenvolvimento; ora esse papel, não tendo sido desempenhado pela burguesia, foi desempenhado pela «intelligentsia», pela tecnoburocracia, sendo o PCC o núcleo original e mais esclarecido.

A tecnocracia é emanação directa das relações de produção capitalistas que consagram e desenvolvem a separação entre o produtor e os meios de produção, impondo ao produtor um desconhecimento dos meios e processos de produção, o que logicamente implica uma dependência total do primeiro em relação ao segundo no processo de trabalho. O vazio é preenchido pela burocracia, que dispende dos conhecimentos técnicos e científicos, permite a efectivação do processo produtivo.

A burocracia, embora a última instância seja fruto do nível económico, não está directamente ligada a ele, ocupando o nível político e ideológico, e as suas funções são as de reprodução das relações de produção.

É evidente que as duas facções seguem altamente complementares uma da outra, e têm imensos pontos em comum, ou não estivessem os diversos níveis interligados entre si.

No entanto, o processo desenrolado na China tem vários aspectos particulares que o diferenciam, por exemplo, do processo desenrolado na Rússia. Graças ao pouco desenvolvimento capitalista anterior a 1949, havia escassez de gestores técnicos, sendo a maior parte deles burocratas do aparelho de Estado oficial os do aparelho do PCC nas regiões sob seu controlo; isto explica que quando a indústria foi quase toda nacionalizada, em 1956, grande parte dos capitalistas privados se tenham reconvertido em tecnocratas sem que isso tenha levado a grandes fricções no seio da classe dominante. Contudo, apesar desta integração dos antigos capitalistas privados, a tecnocracia era muito insuficiente para resolver uma das suas principais tarefas, a planificação económica global, condição prioritária do capitalismo de Estado.

A resolução desta contradição constitui a explicação das bases e originalidades da ideologia (no sentido de Marx isto é, de consciência deformada da realidade, ou mascaramento consciente dos mecanismos de exploração de uma dada sociedade instituída) maoísta.

O modo como a tecnoburocracia chinesa resolveu a contradição acima enunciada foi integrando o proletariado na aplicação a nível sectorial dos planos globais, e na contribuição da sua feitura a nível de empresa, ficando as elaborações gerais e centrais assim como a respectiva execução sob controlo tecnocrático (a completa ausência de estatísticas globais da economia chinesa mostra a que ponto a tecnocracia tem receio de perder o controlo da situação).

Este fenómeno tem duas consequências:

1.º — Suprimir as necessidades da tecnoburocracia resultantes das condições objectivas (fraco desenvolvimento capitalista).

2.º — Integrar na classe dominante os proletários que pelo desempenho de funções de gestão tenham passado a ter condições para serem integrados na tecnoburocracia, dando uma grande mobilidade à classe dominante e mascarando as relações de classe sob a ideologia da competência (este fenómeno também se deu na Rússia de 1917, mas em escala extraordinariamente reduzida, pois na Rússia existia uma tecnocracia bastante forte (conferir em «Notas para uma análise da Revolução russa, de J. Barrot»).

O populismo na ideologia maoísta é um complemento no mascaramento das relações de classe existentes.

A constituição da tecnoburocracia esteve sempre animada de um movimento contraditório, por um lado, constituída por antigos capitalistas e

por parte da «intelligentsia» de cultura elitista e desejosa de consolidar o seu domínio enquanto classe, procedeu a um desenvolvimento capitalista o mais acelerado possível, e em termos tecnológicos sofisticados; por outro lado, toda uma certa burocracia cuja força residia na mobilidade da tecnocracia e que se apoiava extraordinariamente nos novos tecnocratas com conhecimentos tecnológicos bastante mais rudimentares, mais virados para um desenvolvimento muito mais lento, dando prioridade a uma integração ideológica do proletariado, enquanto que a primeira facção aposta na integração económica (estímulos materiais, etc.).

A evolução da tecnoburocracia acentua ainda mais a contradição apontada, pois com o seu aumento começa a superar-se a contradição que deu origem à grande mobilidade da tecnoburocracia; esta resolução tem como consequência o enfraquecimento progressivo da facção maoísta, esgotadas que foram as necessidades da sua existência.

Nas lutas interburocráticas, os maoístas conduziram campanhas «culturais» contra os «abusos» dos «maus» quadros; por um lado desbarbaram-se de facções de burocratas opostas, por outro limaram as diferenças entre exploradores e explorados, o que estava em completo acordo com a sua opção de integração ideológica do proletariado.

Foi a Revolução Cultural que marcou o rápido declínio e desintegração da facção maoísta. Desencadeada como mais uma movimentação «cultural», devido a toda uma série de condições, o proletariado pôs em causa não os «maus» tecnocratas e os «maus» burocratas, mas todos os tecnoburocratas, levando a facção maoísta, que nos primeiros tempos se tinham mantido numa prudente observação da evolução das coisas, a reprimir ferozmente, através do exército que controlava, o proletariado revolucionário.

Após esses acontecimentos, e como consequência deles, a tecnoburocracia refaz a unidade, desta feita em torno da política pragmática de Chu En-lai, que recuperou quase todos os antigos renegados.

É curioso ver parte da análise de Milton Ramos num artigo intitulado «China: A Derrota Definitiva da Revolução Cultural», publicado no «Diário Popular» de 22/10/76, em que defende a facção maoísta agora afastada, sobre os acontecimentos da Revolução Cultural; «No entanto, após três anos de luta aberta a Revolução Cultural terminou num compromisso. O próprio Mao deve ter pensado que as coisas estavam a ultrapassar as normas quando meio milhão de guardas vermelhos cercam o primeiro-ministro Chu En-lai nos seus escritórios durante dois dias acusando-o, também a ele, de ser um burocrata, e quando os trabalhadores de Xangai quiseram instituir os princípios da Comuna de Paris. O marechal Lin-piao lançou então os seus exércitos contra os guardas vermelhos, abafando a revolta num banho de sangue, em 1968. O movimento dos guardas vermelhos foi desmantelado, muitos foram enviados para os campos, e alguns dos seus dirigentes foram condenados a penas de prisão».

Esta análise é verdadeiramente notável para sintetizar, na generalidade, o pensamento dos maoístas: quando o proletariado sai das normas, é preciso metê-lo na «ordem», nem que seja por um banho de sangue; a bem do «socialismo», é evidente...

A eliminação de Lin-piao, quando tentava manter a hegemonia da facção

maoísta, sem que tenha havido nenhuma movimentação do proletariado, mostra bem a que ponto a facção maoísta se vinha desmascarando perante as massas trabalhadoras, e estava delas isolada.

Condenada pela evolução histórica, entalada pelas massas trabalhadoras revolucionárias, mais nada restava à facção maoísta do que se tentar aguentar no barco.

Era uma questão de tempo ir borda fora. O canto de cisne da facção maoísta deu-se com o afastamento de Teng, que bem longe de significar o reforço da ala maoísta significou o reforço da ala centrista (desta feita encabeçada pelo actual «timoneiro» Hua Kuo-Feng) no aparelho partidário-estatal.

Foi notório, no afastamento de Teng (mas não o da política económica que preconizava) e na miniguerrilha de facções que então se deu, a preocupação de todas as facções em manter de fora as massas proletárias (não fossem apanhar outro susto), insistindo todas na não perturbação da ordem pública ou do trabalho. É curioso citar o editorial do Quotidiano do Povo de 21 de Março que recomendava às massas trabalhadoras «que utilizem os ensinamentos das campanhas contra as direitas a fim de melhorar a produção industrial».

O afastamento de Mao Tsé-Tung por decisão do Comité Central marcou um novo golpe na facção maoísta, que viu a sua influência reduzida.

Depois da morte de Mao Tsé-Tung os problemas iam agravar-se, a tentativa da facção maoísta de impor uma direcção colegial (o chamado testamento oral de Mao), fracassou. Por que ela fracassou, creio ser fruto do agudizar tremendo das contradições do futuro económico da China, e das «soluções» que as diversas facções apresentavam; a isso nos leva a crer os comunicados da actual facção dominante, que acusam o Grupo de Xangai de se opor às «directivas» do presidente Mao, isto é, à modernização da China.

Dessas notícias alguns jornalistas apressados tiraram a conclusão de que a política externa iria mudar; nada mais falso e a devolução da mensagem de Brejnev demonstra o efectivamente. Em termos imperialistas, o inimigo principal do ainda nascente imperialismo chinês é o imperialismo russo. O actual movimento de acumulação capitalista na China é um movimento altamente contraditório: Por um lado, vai assentar num aumento intensivo da exploração; Por outro lado, vai ter uma certa capacidade de integração em termos pecuniários do proletariado (integração ideológica do proletariado já nenhuma das facções tinha capacidade de efectuar.

Com os acontecimentos de Berlim em 1953, Polónia e Hungria de 1956, Maio de 1968, Revolução Cultural na China, Outono quente em Itália, Polónia de 1970, avanço do movimento proletário em Portugal pós-25 de Abril e em Espanha, o Proletariado Internacional recompeçou a formação (com avanços e recuos) do Partido de Classe para a Revolução Comunista e para o Socialismo; é a queda das ideologias mais não é do que uma das expressões desse avanço irresistível até à vitória final!

VIVA A REVOLUÇÃO COMUNISTA

Saudações Revolucionárias

Luis Manuel Antunes

Invasão Imperialista em MOÇAMBIQUE

As tropas reaccionárias de Ian Smith no seu desespero em ainda se manter no poder político, utilizam toda a força militar disponível para bombardear os campos de treinamento de guerrilheiros em Moçambique e desencadear massacres contra as populações civis em Moçambique. O ataque de domingo levado a cabo por duas colunas militares rodesianas, foi de grande envergadura e mostra a disposição de Smith em ainda massacrar e assassinar para não cair do seu trono. Enquanto decorre a Conferência em Genebra, com vistas a decidir o futuro da Rodésia, os lacaios de Smith desencadeiam o mais frontal ataque contra a República Popular de Moçambique.

A agência de Informação de Moçambique divulgou uma nota em que transcreve os acontecimentos: «Tem lugar neste momento o maior ataque de sempre levado a cabo pelas tropas a soldo de Ian Smith em território moçambicano.

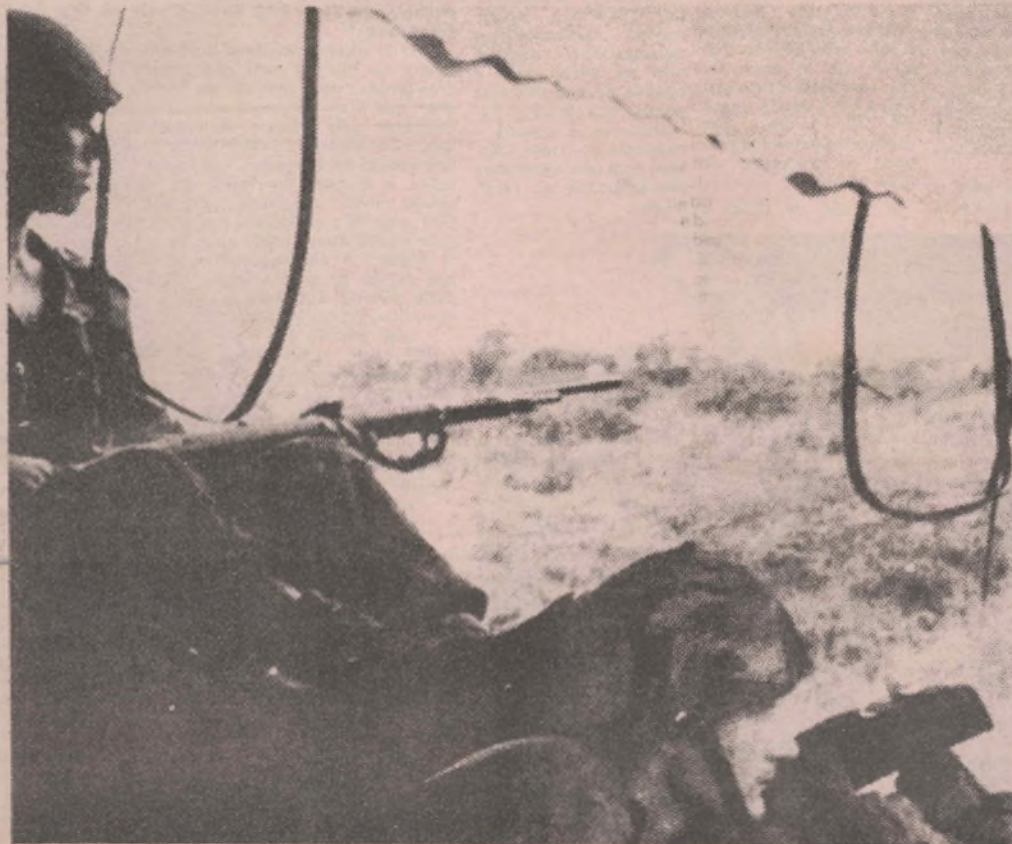
«Esta invasão tem lugar na província de Gaza — que faz fronteira com a Rodésia do Sul e com a África do Sul — e na província de Tete, também fronteira com a Rodésia do Sul e onde se localiza a barragem de Cahora-Bassa — num momento em que

os guerrilheiros do ZIPA, organizam ataques em larga escala contra posições do Exército de Smith, conforme foi também reconhecido por fontes oficiais de Salisbúria.

«O ataque à província de Gaza centra-se nas zonas de Chiquala-Quicalo e Chitanga, no distrito de Mavue e teve início às 5 h da manhã de domingo, estando os invasores racistas a utilizar tanques, morteiros, canhões, aviões bombardeiros, infantaria e tropas a cavalo. Uma outra força invasora rodesiana entrou pela

província de Tete, às quatro horas da madrugada de domingo, tendo as tropas de Smith utilizado o mesmo material de guerra».

Segundo o Comunicado, no seu prosseguimento a «situação militar é ainda caracterizada por violentos combates. Na província de Gaza, as forças inimigas pretendiam progredir em direcção a Amapai, tendo para isso cortado algumas linhas de comunicação. Inclusive sabotando o troço de linha férrea entre a Malvern e o Mapai. Esta vila que dista 80 quilómetros da fronteira rodesiana, fora já alvo de ataques das tropas de Smith, nos fins do passado mês de Junho, tendo destruído grande parte da povoação e provocado muitos mortos e feridos entre a população civil. «Este ataque em larga escala se por um lado demonstra o desespero e a agonia de Smith, por outro, revela a vontade do regime de permitir a passagem do poder para a maioria Zimbabwé».



O desespero de Smith leva-o a invadir Moçambique. Mas o povo de Moçambique que durante anos lutou de armas na mão contra o colonialismo português, saberá dar a resposta exacta ao imperialismo

COLUNA INTERNACIONAL

● Foram afastados de funções, dois generais alemães, precisamente o comandante chefe da Força Aérea e o seu adjunto, respectivamente generais Walter Krupinski e Karlheinz Franke. Os dois generais mantinham ligações estreitas com antigos oficiais nazistas.

● Apesar de se notar em Setembro, no Brasil, uma pequena redução da taxa de aumento do custo de vida com relação à média de aumento dos meses anteriores, não se espera, mesmo nos meios ministeriais, uma taxa de inflação inferior aos 45 por cento até ao final do ano. Isso porque algumas altas com grande peso na composição do índice já são aguardadas o petróleo, o pão (devido a suspensão do subsídio de trigo), o feijão e outros produtos essenciais. O poder de compra cifrada em 100 em 1959 baixou para 42 em 1976, não sendo o salário nominal superior a 2.100 escudos.

● O ditador brasileiro vem a Portugal, anunciam alguns vespertinos lisboetas!

Não seria de estranhar, depois de Mário Soares dizer que «Portugal é a porta de entrada do Brasil na Europa». Entrada da ditadura brasileira na Europa, e o Governo Socialista abre as portas do País a uma das mais repressivas ditaduras militares latino americanas. As negociações que Mário Soares ira fazer no Brasil, na sua visita de Dezembro, comprometerá um Governo dito «socialista» com as exigências da ditadura militar. esta ditadura não «vota PS» podem estar certos, mas «conspira contra o PS».

● A República Popular de Angola foi admitida na UNESCO por 104 votos e três abstenções. O delegado chinês não tomou parte na votação. Os Estados Unidos, o Zaire e a Argentina abstiveram-se.

● A República Popular da China continua na indisposição de reconhecer a República Popular de Angola nascida do Movimento Popular de Libertação de Angola, afirmou um funcionário do ministério dos Negócios Estrangeiros chinês.

● Em violentos confrontos entre a policia e os guerrilheiros montoneros em Cordoba na Argentina, a policia assassinou dois guerrilheiros. O número de baixa da policia é desconhecido.

● Em Barcelona 4000 pessoas assistiram na passada semana a um comício da «Confederação Nacional do Trabalho (CNT) central operária de tendência anarcosindicalista.

● O Partido Socialista Operário Espanhol (PSOE) sector histórico e o Partido Socialista Democrático Espanhol (PSDE) vão criar uma comissão com vista à unidade socialista.

Revolução

Composição e impressão: Renascença Gráfica. Distribuidora: Editorial 18 de Janeiro, — Lisboa

MANIFESTAÇÕES PELA LIBERTAÇÃO DE OTELO VIANA DO CASTELO

A repressão fascista fez-se sentir uma vez mais através dos mercenários e lacaios da burguesia, a PSP etc. etc.

A comissão distrital dos GDUP's convocou a manifestação de quarta-feira a exigir a libertação de Oteló e a exigir a prisão de Spínola pides fascistas e bombistas que passeiam em liberdade e segurança no nosso país.

Como não tinham sido satisfeitas todas as exigências burocráticas que a lei burguesa impõem (4 8 horas de antecedência) sendo a constituição mais uma vez ultrapassada, e que consagra o direito de os cidadãos se expressarem livremente, a referida manifestação se transformou em concentração, a Polícia de choque de G-3 e Mauser chegou pouco

tempo depois mandada pelos lacaios da burguesia dispersando os manifestantes à coronhada, tendo mesmo agredido uma criança que não escapou à fúria dos fascistas pagos com o dinheiro que a burguesia rouba aos trabalhadores (nomeadamente o aumento do custo de vida congelamento de salários, aumento de transportes etc. etc.).

Camaradas o PRP alerta todos os trabalhadores que a burguesia e o imperialismo de várias tendências e as forças que os servem dão provas de que o objectivo é reprimir os trabalhadores e os revolucionários utilizando a lei burguesa contra as conquistas dos trabalhadores.

O PRP alerta para o golpe fascista que está

iminente, as forças capitalistas preparam-se para o utilizar como último recurso para concretizarem a recuperação capitalista.

O poder político militar e todas as forças reaccionárias deste País prenderam pela segunda vez Oteló, revolucionário do 25 de Abril que sempre esteve ao lado dos trabalhadores nomeadamente na ocupação de casas por trabalhadores pobres e pela ocupação de terras abandonadas, e que nas últimas eleições conseguiu unir à volta 800 000 trabalhadores que se organizaram em grupos dinamizadores de unidade popular, GDUP's. Oteló está preso em Caxias sob pretexto de infracção do RDM fascista!!!

A prisão de Oteló é

política e não disciplinar como diz o comando do Estado-Maior do Exército não sendo nem mais nem menos um teste que a direita faz para medir a capacidade de mobilização dos revolucionários e dos trabalhadores. Essa mobilização terá de ser concretizada no avanço da organização dos trabalhadores e dos revolucionários no MUP GDPU's e as suas quatro componentes nomeadamente organizações populares de base militares progressistas GDUP's e organizações revolucionárias que apoiaram a candidatura de Oteló para a criação de uma direcção política que levará os trabalhadores à tomada e exercício do poder, também será uma alternativa revolucionária ao reformismo.

PORTO

No seguimento das jornadas de luta começadas de imediato após a prisão do camarada Oteló, realizou-se no passado dia 2 de Novembro uma manifestação convocada pela distrital dos GDUP para exigir a sua libertação.

A esta manifestação compareceram alguns milhares de trabalhadores e activistas que se concentraram na praça Humberto Delgado onde membros da distrital fizeram duas intervenções, tendo sido denunciado o plano de recuperação capitalista do Governo PS e o avanço generalizado da direita e dos fascistas do qual é exemplo a prisão do camarada Oteló.

De seguida a manifestação encaminhou-se para a ex-sede da PIDE/DGS, onde novamente se deram duas intervenções em que foi focado o objectivo daquela marcha de protesto e a sua ligação com o aparelho repressivo existente antes do 25 de Abril e que agora se reaviva sob novas formas.

Durante o cortejo fizeram-se ouvir algumas palavras de ordem



De Norte a Sul do País, os trabalhadores, vêm para a rua exigir a libertação do homem do 25 de Abril

EDITORIAL

Os Congressos tanto do PS como do PPD fizeram a viragem à direita que acompanha a actual evolução do Poder. O Congresso do PC seguirá o mesmo caminho.

A viragem à direita do PS pode-se consubstanciar no relatório do secretário geral, o qual poupa as forças de direita e ataca as forças à sua esquerda, defendendo ao mesmo tempo a política do MEIC de Cardia e não aflorando a política do Ministério da Agricultura e Pescas de Lopes Cardoso. No entanto, esta viragem à direita é desacompanhada pelas bases do PS, a ala esquerda das quais conseguiu impôr uma presença no Congresso de mais de um quarto dos delegados. E se a direcção do PS aceitou o método de Hondt (constituição da Comissão Nacional por proporcionalidade) é porque isso é o processo de evitar a cisão, pois quer aqueles delegados quer as bases que lhes correspondem não aceitariam a constituição duma Comissão Nacional integralmente da ala direita. A inclusão da minoria de oposição na Comissão Nacional permite que ela não se constitua em cisão e adia a ruptura. Por outro lado a Comissão Nacional é uma entidade que reunirá muito pouco, que não tomará decisões fundamentais. A posição de Lopes Cardoso não aceitando a inclusão do seu nome nem na lista de conciliação (o que seria trair os seus amigos de esquerda), nem na lista da ala esquerda, (o que seria colocar-se desde já entre os malditos) foi a única posição possível inteligente para quem se coloca na sua situação. O afastamento do Governo vem na mesma linha de preservação da sua pessoa e ao mesmo tempo de preservação do partido, na ideia que certamente terá Lopes Cardoso de que a ruptura neste momento serviria a direita. A sua saída do governo permite, no entanto, que este faça mais suavemente a sua viragem à direita, necessária para que se cumpram as várias etapas que a burguesia seguirá para atingir o fascismo. É pois um governo PS mais à direita o que nos espera nesta fase. Mais à direita, portanto um pouco mais durável.

Mas isso não impediu que o Congresso PPD fosse em parte virado para a preparação dum próximo Governo de substituição, muito embora os filiados mais duros criticarem a direcção deste partido pela sua política dócil em relação ao actual governo. Mas nas eleições é, no entanto, a linha mais à direita que triunfa. Passados os tempos gloriosos de Abril de 74, o PPD veste a pele de lobo que lhe convem.

É de esperar também uma enorme viragem à direita no PCP, o qual não permitirá nem listas divergentes, nem método de Hondt. O que quer dizer que a ala esquerda será esmagada, ou anteriormente pela ameaça de expulsões ou durante todo o Congresso pela própria engrenagem stalinista, que imporá os delegados, que imporá as teses como lições a decorar (as teses são «discutidas» nas células ou são estudadas como trabalho de casa?). Este método possibilitará à direcção do PCP continuar a sê-lo dum partido monolítico e aparentemente iludido. A ala esquerda calar-se-á. Enquanto... não estiver de pé e sólida a alternativa revolucionária unitária. Enquanto um partido de massas de novo tipo, em que seja possível acreditar, não exista

Esse partido não pode ser «Os GDUP's» com a UDP, tem de ser o MUP sem UDP ou com uma UDP transformada em algo de revolucionário. Enquanto aquilo que tivermos para oferecer de alternativa aos militantes de esquerda do PS e do PC forem estes GDUP's intoxicados da política sectária e reformista da UDP eles não virão. A manifestação de domingo foi mais um dado, talvez aquele que constitui a gota de água que faz transbordar o copo

Transformação da quantidade em qualidade...

Porque se nós combatemos o PCP com toda

Transformação da quantidade em qualidade...

Porque se nós combatemos o PCP com toda

a sua traição política à classe operária, não o fazemos para andar de braço dado com o PS nem para dizer do Congresso do PCP que é um Congresso «de rachados» como diz o jornal da UDP. Em linguagem popular diremos: É preciso ter lata! A direcção do PCP, por enquanto, ainda é constituída por homens que todos os dias conciliam com a burguesia, mas que na PIDE se portaram de costas direitas.

E a UDP era melhor não falar... Porque os seus telhados são de tal maneira de vidro que se nós lhes atiramos pedras ficam de certeza ao ar livre.

A situação exige de todos nós vigilância e firmeza, o que por vezes é descuidado onde não deve sê-lo.